

LAÍS LEMOS SILVA NOVO
ANA CRISTINA COUTINHO VIEGAS

CADERNO DE *ARTEVIDADES* LITERÁRIAS PARA EJA:

uma colcha de retalhos, um álbum de retratos, um
entrelaçar de histórias, uma construção de
identidade



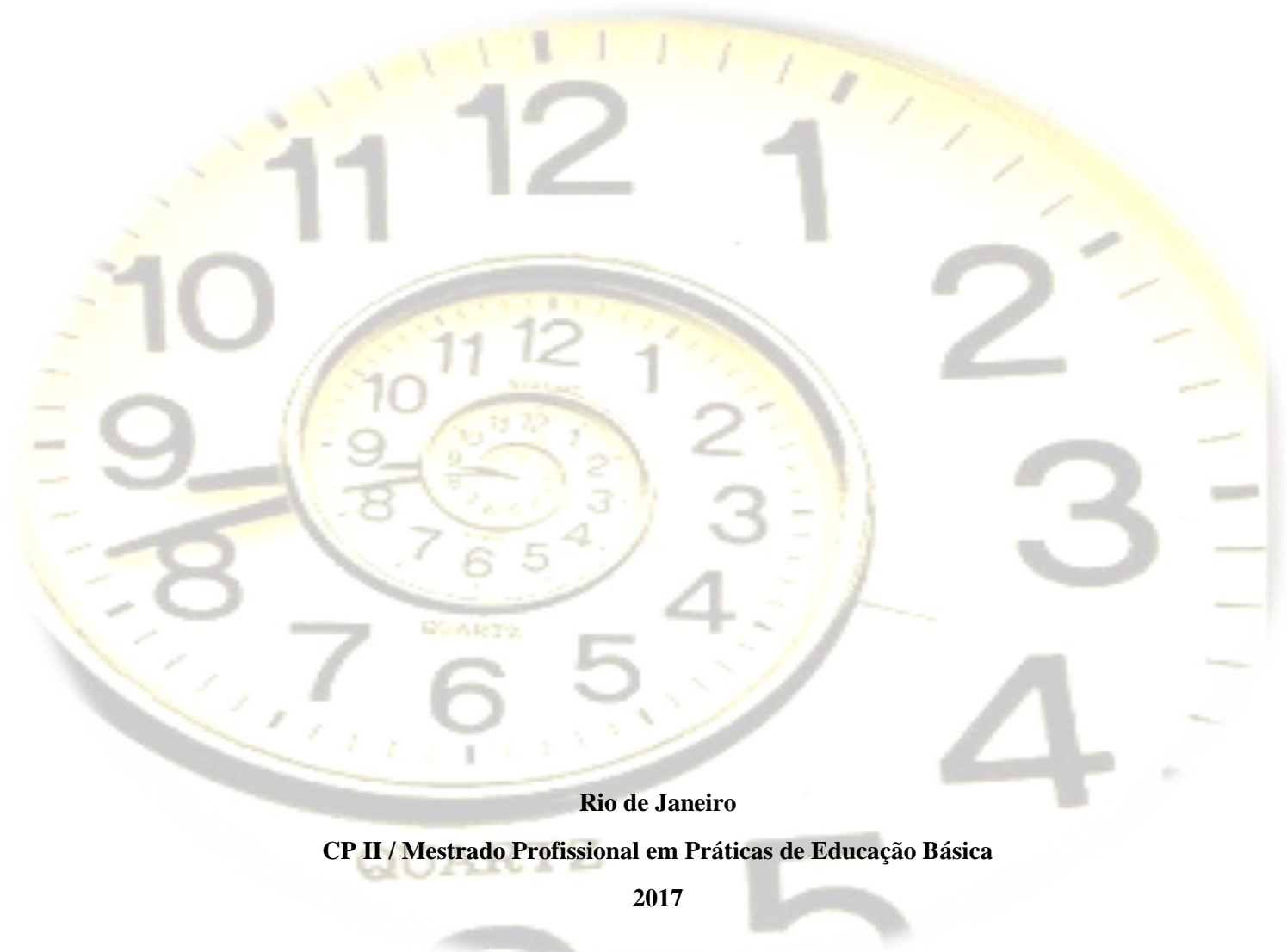
Rio de Janeiro
CP II / Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

LAÍS LEMOS SILVA NOVO
ANA CRISTINA COUTINHO VIEGAS

CADERNO DE *ARTEVIDADES* LITERÁRIAS PARA EJA:

uma colcha de retalhos, um álbum de retratos, um
entrelaçar de histórias, uma construção de
identidade

1ª edição



Rio de Janeiro

CP II / Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

N945 Novo, Laís Lemos Silva

Caderno de *Artevidades* literárias para EJA: uma colcha de retalhos, um álbum de retratos, um entrelaçar de histórias, uma construção de identidade / Laís Lemos Silva Novo; Ana Cristina Coutinho Viegas. - 1.ed. – Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2017. 90 f.

Bibliografia.

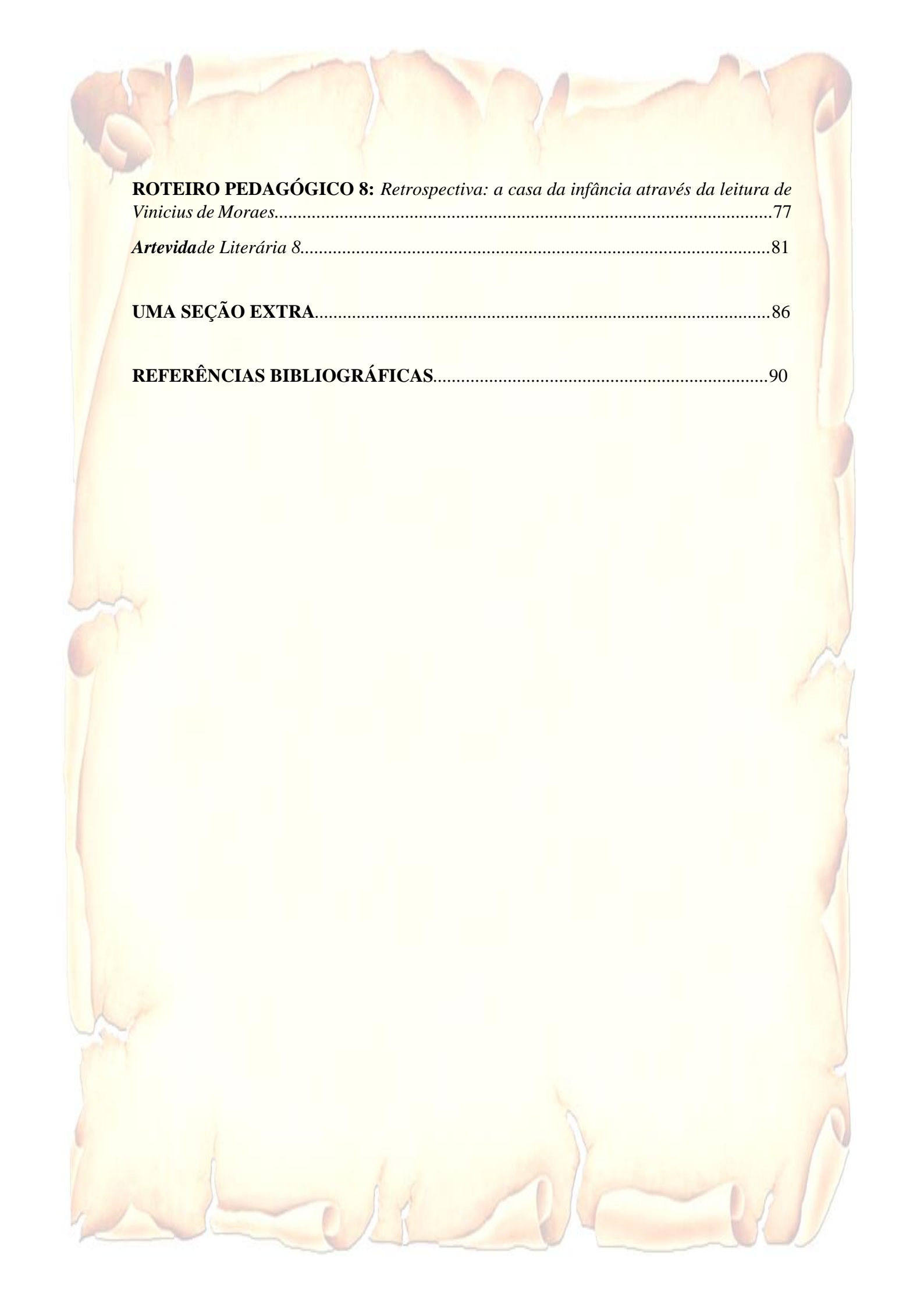
ISBN:

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Letramento literário. 4. Cânones da literatura. 5. Memórias.
I. Viegas, Ana Cristina Coutinho. II. Título.

CDD 374

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
VOCÊ SABIA?	08
ROTEIRO PEDAGÓGICO 1: <i>Uma espécie de bússola: questionário para conhecer os sujeitos e seus hábitos de leitura</i>	09
<i>Artevidade Literária 1</i>	11
ROTEIRO PEDAGÓGICO 2: <i>Um álbum de retratos: as faces do tempo resgatadas através de um mergulho em textos de Clarice Lispector</i>	14
<i>Artevidade Literária 2</i>	18
ROTEIRO PEDAGÓGICO 3: <i>Museu de pessoas: relatos de vida inspirados em texto de Carlos Drummond de Andrade</i>	28
<i>Artevidade Literária 3</i>	32
ROTEIRO PEDAGÓGICO 4: <i>A Colcha de retalhos: costurando memórias a partir da leitura de Drummond</i>	39
<i>Artevidade Literária 4</i>	42
ROTEIRO PEDAGÓGICO 5: <i>Em busca da autoestima: reflexos do espelho e construção do autorretrato a partir de conto de Machado de Assis</i>	47
<i>Artevidade Literária 5</i>	51
ROTEIRO PEDAGÓGICO 6: <i>Uma construção de identidade: refletindo sobre o eu profundo e outros eus por meio de texto de Lima Barreto</i>	59
<i>Artevidade Literária 6</i>	63
ROTEIRO PEDAGÓGICO 7: <i>Lembranças de outrora em varal de memórias: Cecília Meireles, o passar do tempo e a efemeridade da vida</i>	69
<i>Artevidade Literária 7</i>	72



ROTEIRO PEDAGÓGICO 8: Retrospectiva: a casa da infância através da leitura de Vinicius de Moraes.....	77
<i>Artevidade Literária 8.....</i>	<i>81</i>
UMA SEÇÃO EXTRA.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90

O presente material didático originou-se a partir de uma pesquisa aplicada no campo educacional vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB-CPII). Essa proposta pedagógica visa a desenvolver o letramento literário em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) através do diálogo entre as memórias dos alunos dessa modalidade de ensino e textos literários de autores canônicos.

Embora tenha sido elaborado para um público-alvo específico da EJA, alunos do nono ano do Ensino Fundamental, esse material pode ser trabalhado com outros níveis de ensino. A fim de sensibilizar os alunos, o Caderno dispõe ainda de atividades envolvendo não somente textos literários de escritores canônicos, mas também outros suportes como, letras de música, filmes e textos não-verbais.

Idealizado como suporte educacional, contribuindo como um material didático complementar ao trabalho do professor da EJA, esse Caderno envolve práticas que potencializam a proficiência leitora de textos literários, expressões artísticas e valorização das histórias de vida dos sujeitos da EJA. Vislumbra-se ainda a contribuição para o campo de produção de recursos e materiais didáticos ao trabalho docente em uma modalidade de ensino que apresenta grandes lacunas nesta área.

Trata-se de um material pedagógico que une Arte, Vida e Literatura, o que explica o trocadilho realizado originando a palavra *Artevidades* que compõe o título deste material: *Caderno de Artevidades Literárias para EJA: uma colcha de retalhos, um álbum de retratos, um entrelaçar de histórias, uma construção de identidade.*

A *colcha de retalhos* emerge como uma bela metáfora para a vida. Um remendar de lembranças, partes costuradas compondo um todo, uma história que se transforma em arte e em abrigo. Cada retalho da vida é resgatado de diferente cor, textura ou tamanho. São os retalhos de cada momento, unidos um a um que formam a colcha/tecido da vida.

Um *álbum de retratos*, por sua vez, traz à tona recordações do passado, é uma coletânea de fotos, imagens registradas no papel e na mente. Revirar um álbum de retratos é uma forma de voltar no tempo e perder-se nele, é relembrar pessoas e momentos que revivem e se colorem mesmo nas cores amarelas do tempo.

Já um *entrelaçar de histórias* são histórias que se cruzam, se enlaçam e por vezes dão nó. As histórias de vida se misturam com outras vidas e com outras histórias, são histórias de livros que refletem histórias de vida e histórias de vida resgatadas a partir de histórias de livros. E ao narrarem suas histórias de vida, os alunos da EJA se percebem como sujeitos ativos e refletem sobre os fatos narrados, contribuindo, assim, para *construção e reafirmação de suas identidades*, além do resgate da autoestima.

Desta forma, esse suporte educacional dispõe-se a ser um material didático complementar ao trabalho do professor da EJA. Um Caderno que proporcione o desenvolvimento literário através de expressões artísticas, o resgate das histórias de vida através das memórias e o encontro literário ao propor diálogo entre as histórias de vida e as histórias do cânone.

Almeja-se uma conversa mutualística entre a leitura de escritores canônicos, o resgate de memórias e o público da EJA. O que se propõe é, portanto, uma associação inusitada entre algo que, a princípio, seria distante da realidade de um certo público e algo que é a realidade inerente desse mesmo público, ou seja, a relação dialógica entre leituras clássicas, em sua maioria, não trabalhadas na Educação de Jovens e Adultos por pura desvalorização destes e supervalorização daquelas, e as memórias desses mesmos alunos resgatadas a partir de leituras clássicas, facilitando o (auto)entendimento e aproximando duas histórias: a história da vida real e a história contada na literatura.

A autora

ORIENTAÇÕES INICIAIS:

As atividades propostas neste Caderno foram pensadas dentro da metodologia de Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b), a fim de que as obras literárias selecionadas fossem lidas de forma solidária, a partir do compartilhamento entre os leitores/alunos, formando comunidades de leitores. Desta maneira, os Círculos de leitura despontam com importante estratégia de Letramento literário. Em termos gerais, a proposta metodológica que rege as bases deste material didático encontra fundamento na seguinte estrutura elaborada por Cosson (2014b) e adaptada para fins específicos:

QUADRO 1: Metodologia dos Círculos de leitura

1. PREPARAÇÃO

- 1.1. Miniaula¹
- 1.2. Seleção de textos de escritor canônico
- 1.3. A disposição dos leitores
- 1.4. A sistematização das atividades

2. EXECUÇÃO

- 2.1. O ato de ler
- 2.2. O compartilhamento
 - 2.2.1. Pré-discussão
 - 2.2.2. Discussão propriamente dita
- 2.3. O registro

3. ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

- 3.1. Resgate de memórias
 - 3.1.1. Produção oral
 - 3.1.2. Produção escrita das memórias dos sujeitos da EJA
 - 3.1.3. Oficinas artístico-literárias

4. AVALIAÇÃO

- 4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.

¹ De acordo com Cosson (2014b, p. 144), miniaula “é, na verdade, o momento em que o professor assume seu papel de professor para ensinar aos alunos alguma questão relevante para o círculo de literatura.”

Tendo em vista a proposição esquemática apresentada e aqui entendidas como ramificação da proposta dos Círculos de leitura, figurando como resultado da *Elaboração do Produto Especial* designado por Cosson (2014b), as oficinas artístico-literárias têm por intento dinamizar as práticas pedagógicas no ensino de literatura, além de ser um dos caminhos escolhidos de aplicação didática. Como expresso na construção da nomeação *oficinas artístico-literárias*, o objetivo é o de juntar Arte e Literatura, embora, dentre as conceituações, ambas já se encontrem imbricadas.

Importa esclarecer que cada atividade é composta por Círculo de leitura de determinado texto literário de escritor canônico e oficina artístico-literária, entretanto os mesmos não são dependentes, sendo, pois, as oficinas móveis. Deste modo, pela característica das oficinas serem cambiantes, estas podem se adequar também a outros Círculos de leitura, já que a temática geral é perpassada por todas elas, dependendo só da maneira pela qual será realizada a associação. Embora o material indique uma oficina para cada Círculo de leitura, o mais interessante é saber da possibilidade de novas associações e, quem sabe, até da criação de novas oficinas inspiradas nas já existentes.

As oficinas artístico-literárias foram criadas na tentativa de dar continuidade aos Círculos de leitura, de trazer para a vida real dos alunos as aprendizagens oriundas da leitura das obras, ampliando o sentido e garantindo diálogo com a história de suas vidas. Intenciona-se, portanto, a relação entre teoria e prática, sendo as oficinas o espaço privilegiado para a tomada de posição ativa dos alunos, para o compartilhar das experiências e vivências.

Espera-se, pois, o estabelecimento dialético entre os Círculos de leitura e as oficinas artístico-literárias, ou seja, entre as obras literárias canônicas e as experiências de vida, com fruição ética e estética, fortalecimento da autoestima e reafirmação das identidades. As propostas de Círculos de leitura, bem como das oficinas artístico-literárias são precedidas por um *Roteiro pedagógico*, com apresentação dos objetivos e etapas de cada atividade, além de uma atividade de sensibilização ao tema.

O referido *Roteiro pedagógico* começa com a estrutura de um plano de aula, que servirá para nortear e melhor organizar o processo de ensino-aprendizagem, não sendo, pois, necessariamente um manual fixo a ser seguido. O intuito é promover melhor entendimento e clareza acerca dos propósitos de cada atividade. Em seguida, é apresentada uma seção chamada *Partilhando ideias e experiências* que serve para compartilhar com os docentes vivências e sugestões embasadas na experiência de aplicação das atividades propostas, e algumas ideias consideradas proeminentes. É

também destinado um tópico para *observações* relevantes. Cada Roteiro Pedagógico é finalizado com algumas *Dicas úteis* que surgiram durante ou após as aplicações e que podem facilitar o trabalho do professor, além de contribuir com indicações e ideias extras, seja de aprofundamento ao que foi trabalhado ou de outras possibilidades de aplicação.

Para cada *Roteiro Pedagógico* existe uma *Artevidade Literária* cuja natureza pode ser um material didático propriamente dito ou o compartilhar de formas de orientação acerca do processo de ensino-aprendizagem. Com exceção da *Artevidade Literária 1*, que é contemplada com um questionário para diagnose da turma, as demais atividades apresentam momentos de sensibilização, e apresentação de textos literários narrativos de escritores canônicos na íntegra, para o desenvolvimento dos Círculos de leitura e das oficinas, introduzidos por uma pequena apresentação do(a) escritor(a), de sugestão de temas para produção textual, de proposição da oficina artístico-literária e, em alguns casos, de uma atividade extra.

O material didático é finalizado com a seção de *Extras* que conta com um *Modelo de autoavaliação* para os alunos e um *Roteiro de entrevista grupal* para os professores melhor avaliar a eficácia das atividades e participação dos discentes. As *Referências bibliográficas* também são apresentadas fechando o Caderno.

O intuito é que esse material venha a contribuir para o ensino de literatura na EJA, podendo sofrer alterações e adaptações mediante necessidades inerentes à aplicação em demais contextos educacionais. Tem-se por desejo ainda que o *Caderno de Artevidades Literárias para EJA: uma colcha de retalhos, um álbum de retratos, um entrelaçar de histórias, uma construção de identidade* possa servir de inspiração para elaboração e construção de outros suportes pedagógicos voltados para a realidade do público da EJA, que se apresenta tão lacunar e carente de inovações pedagógicas destinadas ao seu alunado.

Bom trabalho!

Você Sabia?

LETRAMENTO LITERÁRIO é o processo de apropriação da Literatura enquanto linguagem garantindo o contato do leitor com a obra através de prática social que envolve a construção literária de sentido (COSSON: 2014) Para Zappone (2007), é um conjunto de práticas sociais que utilizam os diferentes domínios: textos literários, filmes, novelas, anedotas, contação de histórias, mídias, enfim os vários domínios da vida.

O termo **CÂNONE** deriva do grego “kanón”, utilizado para designar uma vara que servia de referência como unidade de medida. De acordo com Mc Donald (1996, p. 13), significava um padrão de medida, “uma norma pela qual todas as coisas são julgadas e avaliadas.” Na Língua Portuguesa, esse termo adquiriu o significado geral de regra, preceito ou norma. Na Literatura, é um conjunto de livros que pode ser considerado referência em determinado período, estilo ou cultura.

A **MEMÓRIA** não se reduz ao simples ato de recordar. Para Ferreira (2000, p. 11), a memória recebe o significado de “construção do passado pautado por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.” Portanto, a memória individual é importante na construção da memória coletiva e vice-versa, visto que História, tempo e memória são processos interligados.

O ensino de Literatura deve propiciar um diálogo profícuo entre a leitura do texto e a leitura da própria vida, propiciando momentos de identificação com o lido, de reminiscências e de interpretação a partir de uma temática próxima à realidade dos alunos, como suas histórias de vida, suas memórias.

CÍRCULO DE LEITURA coletiva é “essencialmente o compartilhamento organizado de uma obra dentro de uma comunidade de leitores que se constitui para tal fim” (COSSON: 2014b, p. 158). É um espaço de compartilhamento para dividir a leitura e as experiências pessoais.

De acordo com Candau (1995), a **OFICINA** é um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de troca e até mesmo de confronto de experiências.

CÍRCULO DE CULTURA

Em suas primeiras experiências com educação de adultos, em Recife, Paulo Freire criou o círculo de cultura em lugar da sala de aula tradicional.

Em lugar das aulas exclusivamente expositivas, o diálogo. Em lugar do professor orador, o coordenador de debates e animador cultural.

Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo.

Em lugar dos conteúdos idealizadores da realidade, os temas geradores, a discussão crítico-criativa da realidade.

Em lugar de treinar pessoas para simplesmente se adaptarem, formar agentes sociais de mudança.

(FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 103.)



Povo nômade do deserto do Quênia em Círculo de Cultura.

Fonte: VALE, Maria José. Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico / Maria José Vale, Sonia Maria Gonçalves Jorge, Sandra Benedetti. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 1

Uma espécie de bússola: questionário para conhecer os sujeitos e seus hábitos de leitura



Objetivos:

- Conhecer os alunos e seus hábitos de leitura.
- Indagar e apreender as expectativas e necessidades dos discentes.
- Observar o grau de familiaridade com obras e escritores do cânone literário.
- Incitar reflexão e associação entre o lido e o vivido.
- Analisar o grau de importância atribuído às relações entre experiências pessoais e o aprendido em sala de aula, entre textos literários de escritores canônicos e resgate de memórias individuais e coletivas.

Recurso necessário:

Questionário elaborado para diagnose.

Duração prevista:

1 (um) tempo de aula.

Desenvolvimento:

1. Exposição e explicação acerca das finalidades do questionário proposto, dentre elas, conhecer os alunos e seus hábitos de leitura, e verificar a relevância atribuída por eles a atividades que associem suas experiências e vivências ao aprendizado formal na escola.
2. Apresentação do questionário diagnose e do comprometimento ético com os resultados obtidos por meio de autorização cedida pelos discentes.
3. Aplicação do questionário
4. Análise dos dados e elaboração de atividades norteadas pelas informações e resultados alcançados.



- Conversar previamente com os alunos a respeito do assunto é uma boa estratégia de antecipação temática e contribuição discente.
- É de suma importância deixar clara a relevância do papel do aluno na construção do processo de ensino-aprendizagem, valorizando suas necessidades e expectativas.
- Caso julgue necessário, pode ser realizada a leitura do questionário junto à turma. Contudo, vale lembrar que a interpretação das questões também faz parte da análise dos dados, portanto convém interferir o mínimo possível, mesmo que os alunos solicitem explicações. O ideal é deixá-los cientes da importância da sinceridade e que todas as respostas são bem-vindas.

OBSERVAÇÃO: O questionário pode sofrer adaptações mediante as necessidades e interesses tanto do professor, quanto dos alunos envolvidos em sintonia com suas realidades. Desta forma, o questionário servirá como uma espécie de bússola para nortear o trabalho a ser desenvolvido, considerando os anseios e as reais necessidades da turma.



Dependendo dos objetivos do professor, das características da turma e dos recursos disponíveis, é possível realizar o questionário *online*, o que vem a ser uma maneira rápida e prática de aplicação e de obtenção dos resultados em tempo real, com análise dos dados e esquema de gráficos e agrupamentos de respostas. Eis algumas sugestões:

1. *Survey Monkey*, disponível em <<https://pt.surveymonkey.com/mp/how-to-create-surveys/>>
2. *Google Docs*, disponível em <<http://docs.google.com/>>
3. *Online Pesquisa*, disponível em <<https://www.onlinepesquisa.com/>>

ARTEVIDADE LITERÁRIA I:

Questionário Discente



Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

1- Você gosta de ler?

() Gosto muito () Gosto () Não gosto

2- O último livro que leu foi há...

() Menos de um mês () Mais de um ano () Menos de um ano
() Aproximadamente seis meses () Não lembro () Não leio livros

3- Você costuma ler? Por quê?

() Sim, porque é importante
() Sim, porque eu gosto
() Sim, por dever escolar
() Sim, por outra razão. Qual? _____
() Não, devido ao preço dos livros
() Não, porque não gosto
() Não, pois não encontro temas interessantes
() Não, por dificuldade em compreender os livros e textos
() Não, pois não encontro significado para minha vida
() Não, por outro motivo. Qual? _____

4- Se você gosta, qual o seu tipo preferido de leitura?

() Livros escolares () Jornais
() Livros técnicos () Revistas
() Ficção científica () Séries policiais
() Histórias em quadrinho () Contos
() Poesia () Crônicas
() Autobiografias () Outros Quais? _____

5- Livros e autores chamados canônicos são aqueles considerados clássicos e de grande valor para a Literatura. Somente algumas obras pertencem ao considerado grupo seletivo do cânone literário. Você já sabia o que era cânone literário?

() Sim () Não

6- Baseado na informação acima e em seus conhecimentos, cite uma obra que você acredita ser canônica: _____

7- Está lendo algum livro neste momento?

() Não () Sim. Qual? _____

8- Você considera suficiente o seu tempo dedicado à leitura?

() Sim () Não

9- Você conhece algum desses autores?

Clarice Lispector	() Já li	() Só ouvi falar	() Não conheço
Graciliano Ramos	() Já li	() Só ouvi falar	() Não conheço
Carlos Drummond de Andrade	() Já li	() Só ouvi falar	() Não conheço
João Ubaldo Ribeiro	() Já li	() Só ouvi falar	() Não conheço
Paulo Coelho	() Já li	() Só ouvi falar	() Não conheço
Augusto Cury	() Já li	() Só ouvi falar	() Não conheço

10- Existe algum livro que o marcou? Qual e por quê?

11- Se você escrevesse um livro, que tema escolheria?

12- Se você pudesse criar/ virar um personagem, como ele seria?

13- Qual história que você já leu que mais se parece com a história de sua vida? Justifique sua resposta:

14- Avalie as afirmativas abaixo considerando os critérios de 1 a 5. Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas. Sinta-se à vontade para ser sincero (a).

- (5) Extremamente importante
- (4) Muito importante
- (3) Importante
- (2) Pouco importante
- (1) Sem importância

A) Ler livros que tenham a ver com minha realidade e experiência de vida.	(5)	(4)	(3)	(2)	(1)
B) Conhecer a história de vida dos meus colegas.	(5)	(4)	(3)	(2)	(1)
C) Compartilhar minhas experiências de vida.	(5)	(4)	(3)	(2)	(1)
D) Ler textos canônicos que possam resgatar minhas memórias e lembranças.	(5)	(4)	(3)	(2)	(1)
E) Relacionar o aprendido na escola com minha própria vida, valorizando minhas experiências.	(5)	(4)	(3)	(2)	(1)

Agradecemos a sua participação nesta pesquisa.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 2

Um álbum de retratos: as faces do tempo resgatadas através de um mergulho em textos de Clarice Lispector



Objetivos:

- Resgatar memórias através da leitura literária realizada em Círculos de leitura.
- Relacionar à própria vida a temática temporal e social presente nos textos.
- Trabalhar a leitura, a expressão oral e a escrita e elementos da narrativa.
- Promover debate, reflexão e argumentação acerca da crítica social presente nos textos lidos.
- Participar em oficina artístico-literária de apresentação oral com cartazes e fotos sobre memórias resgatadas a partir da leitura de Clarice Lispector.

Recursos necessários:

- Biblioteca/livros e laboratório de informática com acesso à internet para pesquisa.
- Letra de música e textos xerocopiados.
- Cartolinas.
- Tesoura e cola.
- Lápis e borracha.
- Canetinhas coloridas e lápis de cor.
- Recortes de revistas.
- Fotos antigas e atuais.

Duração prevista:

1 (um) mês.

Disciplina foco:

Literatura.

Disciplinas envolvidas:

- Língua Portuguesa.
- História.
- Artes.

Desenvolvimento:

Metodologia do Círculo de leitura

1.PREPARAÇÃO

Atividade de sensibilização: música *A lista*, de Oswaldo Montenegro.

1.1. Mini aula

- 1.1.1. Quem foi Clarice Lispector.
- 1.1.2. Noção de Epifania.
- 1.1.3. Tempo psicológico X Tempo cronológico.

1.2. Seleção de textos de escritor canônico

- 1.2.1. Conto *Feliz Aniversário*.
- 1.2.2. Conto *Tentação*.

1.3. A disposição dos leitores

- 1.3.1. Considerar os resultados obtidos através da aplicação do questionário e conhecer as expectativas da turma.

1.4. A sistematização das atividades

- 1.4.1. Cronograma.
- 1.4.1. Disposição das carteiras em círculo na sala de aula.

2.EXECUÇÃO

2.1. O ato de ler

- 2.1. Texto 1: *Feliz Aniversário*.
- 2.2. Texto 2: *Tentação*.

2.2. O compartilhamento

- 2.2.1. Pré-discussão.
- *Explorar elementos da narrativa.

2.2.2. Discussão propriamente dita

- 2.2.2.1. Momento propício para a relação das obras lidas com as histórias de vida dos alunos.
- Possíveis temas: Texto 1- Idade e passagem do tempo, festas de

aniversários, nostalgia, sentimento e lembranças, hipocrisia e conflito familiar, sociedade de aparências / Texto 2- identidade e identificação, autoestima, conflitos e desejos.

2.3. O registro

- 2.3.1. Observações, reflexões e impressões no próprio caderno.
- * Escrever no quadro algumas frases impactantes retiradas de textos da autora Clarice Lispector e explicar os objetivos da etapa seguinte.

3.ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

3.1. Resgate de memórias.

- 3.1.1. Produção oral.
- 3.1.2. Produção escrita das memórias dos sujeitos da EJA.

3.1.3. OFICINA ARTÍSTICO-LITERÁRIA *Um álbum de retratos: as faces do tempo resgatadas através de um mergulho nos textos de Clarice Lispector*

- 3.1.3.1. Elaboração e apresentação de cartazes com recortes e fotos antigas e recentes organizadas em tempo cronológico ou psicológico, expressando a trajetória de vida do aluno e suas memórias.

Escolha de passagens, trechos e frases da escritora canônica que mais refletiam suas histórias de vida.

- 3.1.3.2. Exposição dos cartazes em sala de aula ou em mural da escola.

- 3.1.3.3. Culminância da oficina com apresentação musical.

4.AVALIAÇÃO

- 4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação.

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.



- A atividade de sensibilização realizada através da música *A lista*, de Oswald Montenegro pode ser trabalhada a fim de dialogar com o texto *Feliz Aniversário* discutindo questões de distanciamento entre as pessoas, de mudanças com o passar do tempo e de hipocrisia.
- É importante combinar com a turma a organização da estrutura de disposição das carteiras em círculo na sala de aula e as regras de convivência.
- A leitura silenciosa feita pelos alunos antes da leitura coletiva facilita e potencializa a qualidade leitora.
- A ordem da leitura dos dois contos selecionados pode ser invertida, lembrando que um (*Feliz Aniversário*) foca mais a temática do tempo, da vida, das experiências e convívio familiar e o outro (*Tentação*) é mais direcionado a questões e trabalho com identidade e autoestima.
- Os alunos costumam interromper a leitura para fazerem apontamentos. É importante que eles se sintam estimulados a participar, mas, às vezes, isso atrapalha o andamento da leitura. É conveniente deixá-los para a parte do *compartilhamento*, como exposto no quadro acima. É legal combinar isso com a turma antes.
- No item 2.3 do quadro é sugerido que a professora escreva algumas frases impactantes retiradas de textos de Lispector para aguçar a reflexão dos alunos, provocar identificação com algumas delas e estimular a pesquisa por outras. Convém, entretanto, alertar os alunos da existência de várias obras atribuídas erroneamente a Clarice Lispector na internet e que, por isso, é preciso um senso crítico e de pesquisa.

OBSERVAÇÃO: O envolvimento das disciplinas História e Artes são visíveis, ao passo que se vislumbra a importância do reconhecimento do contexto histórico dos textos, bem como o trabalho com temáticas acerca de memória, documento e registro. Além do papel da Arte que perpassa toda a atividade, em especial no momento da oficina proposta, com elaboração de cartazes.



1. É bom deixar já combinado com alunos que, assim que aula anterior acabe, eles já comecem a organizar a sala em círculo para a otimização do tempo. Da mesma forma, é conveniente, ao final, disponibilizar um momento para a reorganização da sala em fileiras para o próximo professor.

2. Caso tenha familiares estudando na mesma turma, é uma opção permitir a apresentação em duplas, como por exemplo casais, irmãos e mãe/pai e filho apresentarem suas histórias juntos.

3. É interessante que a culminância da oficina com a apresentação musical seja realizada pelos próprios alunos cantando e/ou tocando algum instrumento musical. É comum encontrar alunos com essa veia musical. Faça um levantamento na turma e mesmo que não tenha alguém em específico, selecione junto aos alunos algumas músicas que tenham ligação com a temática trabalhada. Na experiência de aplicação desta atividade, havia dois alunos que sabiam cantar na turma e um deles também tocava violão. As músicas por eles escolhidas foram *Pais e filhos*, de Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá, da banda *Legião Urbana*, e *Epitáfio*, de Sérgio Britto, cantada pela banda *Titãs*, disponíveis em: <<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22488/>> e <<https://www.lettras.mus.br/titas/48968/>>

4. Algumas outras canções que podem ser trabalhadas: *Tocando em frente*, de Almir Sater e *Oração ao tempo*, de Caetano Veloso, disponíveis em: <<https://www.lettras.mus.br/almir-sater/44082/>> e <<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44760/>>

ARTEVIDADE LITERÁRIA 2:

Atividade de sensibilização



1. Escute a música *A lista*, de Oswaldo Montenegro e reflita.

A Lista



Oswaldo Montenegro

Faça uma lista de grandes amigos
Quem você mais via há dez anos atrás
Quantos você ainda vê todo dia
Quantos você já não encontra mais

Faça uma lista dos sonhos que tinha
Quantos você desistiu de sonhar!
Quantos amores jurados pra sempre
Quantos você conseguiu preservar...

Onde você ainda se reconhece
Na foto passada ou no espelho de agora?
Hoje é do jeito que achou que seria
Quantos amigos você jogou fora?

Quantos mistérios que você sondava
Quantos você conseguiu entender?
Quantos segredos que você guardava
Hoje são bobos ninguém quer saber?

Quantas mentiras você condenava?
Quantas você teve que cometer?
Quantos defeitos sanados com o tempo
Eram o melhor que havia em você?

Quantas canções que você não cantava
Hoje assovia pra sobreviver?
Quantas pessoas que você amava
Hoje acredita que amam você?

Fonte: <<https://www.lettras.mus.br/oswaldo-montenegro/65521/>>

2. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- Qual é sua relação com o tempo? Dá tempo de você fazer suas atividades como gostaria?
- Quem ou o que você deixou perdido no tempo. Quem ou o que você faz questão de guardar na memória?
- Para você, o que mudou mais com o tempo?
- Responda algumas das perguntas questionadas na música:
 - *Onde você ainda se reconhece, na foto passada ou no espelho de agora? Hoje é do jeito que achou que seria?*
 - *Quantos segredos que você guardava, hoje são bobos ninguém quer saber?*
 - *Quantos defeitos sanados com o tempo eram o melhor que havia em você?*
 - *Quantas pessoas que você amava, hoje acredita que amam você?*



Clarice Lispector é uma escritora canônica do período modernista do Brasil, que se destacou pela subjetividade de suas narrativas, centradas no fluxo de consciência de suas personagens. Sua obra está repleta de cenas cotidianas simples e tramas psicológicas, tendo por principal característica a epifania. Segundo a autora, epifania seria uma espécie de momento de descoberta, são *flashes* de memórias de acontecimentos.

Texto literário 1:

Feliz Aniversário

Clarice Lispector

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda – a filha com quem a aniversariante morava – disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. "Vim para não deixar de vir", dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como – Zilda a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante – e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito "Happy Birthday!", em outros "Feliz Aniversário!" No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para não desarrumar a mesa.

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado – sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o voo da mosca em torno do bolo.

Até que às quatro horas entrara a nora de Olaria e depois a de Ipanema.

Quando a nora de Ipanema pensou que não suportaria nem um segundo mais a situação de estar sentada defronte da concunhada de Olaria – que cheia das ofensas passadas não via um motivo para desfilar desafiadora a nora de Ipanema – entraram enfim José e a família. E mal eles se beijavam, a sala começou a ficar cheia de gente que ruidosa se cumprimentava como se todos tivessem esperado embaixo o momento de, em afobação de atraso, subir os três lances de escada, falando, arrastando crianças surpreendidas, enchendo a sala– e inaugurando a festa.

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca.

– Oitenta e nove anos, sim senhor! disse José, filho mais velho agora que Jonga tinha morrido. – Oitenta e nove anos, sim senhora! disse esfregando as mãos em admiração pública e como sinal imperceptível para todos.

Todos se interromperam atentos e olharam a aniversariante de um modo mais oficial. Alguns abanaram a cabeça em admiração como a um recorde. Cada ano vencido pela aniversariante era uma vaga etapa da família toda. Sim senhor! disseram alguns sorrindo timidamente.

– Oitenta e nove anos!, ecoou Manoel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.

A velha não se manifestava.

Alguns não lhe haviam trazido presente nenhum. Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cactos– nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para seus filhos, nada que a própria aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia: a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica.

– Oitenta e nove anos! repetiu Manoel aflito, olhando para a esposa.

A velha não se manifestava.

Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome. O ponche foi servido, Zilda suave, nenhuma cunhada ajudou propriamente, a gordura quente dos croquetes dava um cheiro de piquenique; e de costas para a aniversariante, que não podia comer frituras, eles riam inquietos. E Cordélia? Cordélia, a nora mais moça, sentada, sorrindo.

– Não senhor! respondeu José com falsa severidade, hoje não se fala em negócios!

– Está certo, está certo! recuou Manoel depressa, olhando rapidamente para sua mulher que de longe estendia um ouvido atento.

– Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe!

Na cabeceira da mesa já suja, os copos maculados, só o bolo inteiro– ela era a mãe. A aniversariante piscou os olhos.

E quando a mesa estava imunda, as mães enervadas com o barulho que os filhos faziam, enquanto as avós se recostavam complacentes nas cadeiras, então fecharam a inútil luz do corredor para acender a vela do bolo, uma vela grande com um papelzinho colado onde estava escrito "89". Mas ninguém elogiou a ideia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles não estariam pensando que fora por economia de velas– ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado. Então

acenderam a vela. E então José, o líder, cantou com muita força, entusiasmando com um olhar autoritário os mais hesitantes ou surpreendidos, "vamos! todos de uma vez!" – e todos de repente começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida. Como não haviam combinado, uns cantaram em português e outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês.

Enquanto cantavam, a aniversariante, à luz da vela acesa, meditava como junto de uma lareira.

Escolheram o bisneto menor que, debruçado no colo da mãe encorajadora, apagou a chama com um único sopro cheio de saliva! Por um instante bateram palmas à potência inesperada do menino que, espantado e exultante, olhava para todos encantado. A dona da casa esperava com o dedo pronto no comutador do corredor – e acendeu a lâmpada.

– Viva mamãe!

– Viva vovó!

– Viva D. Anita, disse a vizinha que tinha aparecido.

– *Happy birthday!* gritaram os netos, do Colégio Bennett.

Bateram ainda algumas palmas ralas.

A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco.

– Parta o bolo, vovó! disse a mãe dos quatro filhos, é ela quem deve partir! assegurou incerta a todos, com ar íntimo e intrigante. E, como todos aprovassem satisfeitos e curiosos, ela se tornou de repente impetuosa: – parta o bolo, vovó!

E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.

– Que força, segredou a nora de Ipanema, e não se sabia se estava escandalizada ou agradavelmente surpreendida. Estava um pouco horrorizada.

– Há um ano atrás ela ainda era capaz de subir essas escadas com mais fôlego do que eu, disse Zilda amarga.

Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha.

Em breve as fatias eram distribuídas pelos pratinhos, num silêncio cheio de rebuliço. As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos ao nível desta, acompanhavam a distribuição com muda intensidade. As passas rolavam do bolo entre farelos secos. As crianças angustiadas viam se desperdiçarem as passas, acompanhavam atentas a queda.

E quando foram ver, não é que a aniversariante já estava devorando o seu último bocado?

E por assim dizer a festa estava terminada. Cordélia olhava ausente para todos, sorria.

– Já lhe disse: hoje não se fala em negócios! respondeu José radiante.

– Está certo, está certo! recolheu-se Manoel conciliador sem olhar a esposa que não o desfitava. Está certo, tentou Manoel sorrir e uma contração passou-lhe rápido pelos músculos da cara.

– Hoje é dia da mãe! disse José.

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou. Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspsisse. Rodrigo, o neto de

sete anos, era o único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada. Cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

– Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. – Mamãe, que é isso! – disse baixo, angustiada. – A senhora nunca fez isso! – acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo que a velha não passava agora de uma criança.

– Ultimamente ela deu pra cuspir, terminou então confessando contrita para todos.

Todos olharam a aniversariante, compungidos, respeitosos, em silêncio.

Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Os meninos, embora crescidos – provavelmente já além dos cinquenta anos, que sei eu! – os meninos ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos – ainda mais fracos e mais azedos – haviam escolhido. Todas vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não aguenta a mão, aquelas mulherezinhas que casavam mal os filhos, que não sabiam pôr uma criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos – nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava.

– Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

– Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.

– Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy! – ordenou.

Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. A festa interrompida, os sanduíches mordidos na mão, algum pedaço que estava na boca a sobrar seco, inchando tão fora de hora a bochecha. Todos tinham ficado cegos, surdos e mudos, com croquetes na mão. E olhavam impassíveis.

Desamparada, divertida, Dorothy deu o vinho: astuciosamente apenas dois dedos no copo. Inexpressivos, preparados, todos esperaram pela tempestade.

Mas não só a aniversariante não explodiu com a miséria de vinho que Dorothy lhe dera como não mexeu no copo. Seu olhar estava fixo, silencioso.

Como se nada tivesse acontecido.

Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, recomeçaram as vozes e risadas. A nora de Olaria, que tivera o seu primeiro momento unísono com os outros quando a tragédia vitoriosamente parecia prestes a se desencadear, teve que retornar sozinha à sua severidade, sem ao menos o apoio dos três filhos que agora se misturavam traidoramente com os outros. De sua cadeira reclusa, ela analisava crítica aqueles vestidos sem nenhum modelo, sem um drapeado, a mania que tinham de usar vestido preto com colar de pérolas, o que não era moda coisa nenhuma, não passava era de economia. Examinando distante os sanduíches que quase não

tinham levado manteiga. Ela não se servira de nada, de nada! Só comera uma coisa de cada, para experimentar.

E por assim dizer, de novo a festa estava terminada. As pessoas ficaram sentadas benevolentes. Algumas com a atenção voltada para dentro de si, à espera de alguma coisa a dizer. Outras vazias e expectantes, com um sorriso amável, o estômago cheio daquelas porcarias que não alimentavam mas tiravam a fome. As crianças, já incontroláveis, gritavam cheias de vigor. Um já estava de cara imunda; as outras, menores, já molhadas; a tarde cala rapidamente. E Cordélia, Cordélia olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo. Que é que ela tem? alguém perguntou com uma curiosidade negligente, indicando-a de longe com a cabeça, mas também não responderam. Acenderam o resto das luzes para precipitar a tranquilidade da noite, as crianças começavam a brigar. Mas as luzes eram mais pálidas que a tensão pálida da tarde. E o crepúsculo de Copacabana, sem ceder, no entanto se alargava cada vez mais e penetrava pelas janelas como um peso.

– Tenho que ir, disse perturbada uma das noras levantando-se e sacudindo os farelos da saia. Vários se ergueram sorrindo.

A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha. E, impassível, piscando, recebeu aquelas palavras propositadamente atropeladas que lhe diziam tentando dar um final arranco de efusão ao que não era mais senão passado: a noite já viera quase totalmente. A luz da sala parecia então mais amarela e mais rica, as pessoas envelhecidas. As crianças já estavam histéricas.

– Será que ela pensa que o bolo substitui o jantar, indagava-se a velha nas suas profundezas.

Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena. Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais repetiu. Porque a verdade era um relance. Cordélia olhou-a estarecida. E, para nunca mais, nenhuma vez repetiu— enquanto Rodrigo, o neto da aniversariante, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar.

Mas a esse novo olhar— a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa.

Passara o relance. E arrastada pela mão paciente e insistente de Rodrigo a nora seguiu-o espantada.

– Nem todos têm o privilégio e o orgulho de se reunirem em torno da mãe, pigarreou José lembrando-se de que Jonga é quem fazia os discursos.

– Da mãe, vírgula! riu baixo a sobrinha, e a prima mais lenta riu sem achar graça. Nós temos, disse Manoel acobardado sem mais olhar para a esposa.

– Nós temos esse grande privilégio disse distraído enxugando a palma úmida das mãos.

Mas não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabendo ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Os outros aguardavam. Como Jonga fazia falta nessas horas— José enxugou a testa com o lenço— como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara, e isso dera a Jonga tanta segurança. E quando ele morrera, a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. Esquecera-o talvez. Mas não esquecera aquele mesmo olhar firme e direto com que desde sempre olhara os outros filhos, fazendo-os sempre desviar os olhos. Amor de mãe era duro de suportar: José enxugou a testa, heroico, risonho.

E de repente veio a frase:

– Até o ano que vem! disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido.

Olhou-a, orgulhoso da artimanha da velha que espertamente sempre vivia mais um ano.

– No ano que vem nos veremos diante do bolo aceso! esclareceu melhor o filho Manoel, aperfeiçoando o espírito do sócio. Até o ano que vem, mamãe! e diante do bolo aceso! disse ele bem explicado, perto de seu ouvido, enquanto olhava obsequioso para José. E a velha de súbito cacarejou um riso frouxo, compreendendo a alusão.

Então ela abriu a boca e disse:

– Pois é.

Estimulado pela coisa ter dado tão inesperadamente certo, José gritou-lhe emocionado, grato, com os olhos úmidos:

– No ano que vem nos veremos, mamãe!

– Não sou surda! disse a aniversariante rude, acarinhada.

Os filhos se olharam rindo, vexados, felizes. A coisa tinha dado certo.

As crianças foram saindo alegres, com o apetite estragado. A nora de Olaria deu um cascudo de vingança no filho alegre demais e já sem gravata. As escadas eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria fatalmente demolido mais dia menos dia, e na ação de despejo Zilda ainda ia dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras– pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontraram na tranquilidade fresca da rua. Era noite, sim. Com o seu primeiro arrepio.

Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam, disseram rapidamente. Alguns conseguiram olhar nos olhos dos outros com uma cordialidade sem receio. Alguns abotoavam os casacos das crianças, olhando o céu à procura de um sinal do tempo. Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais– que palavra? eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto. Começaram a se separar, andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes sem brusquidão. Até o ano que vem! repetiu José a indireta feliz, acenando a mão com vigor efusivo, os cabelos ralos e brancos esvoaçavam. Ele estava era gordo, pensaram, precisava tomar cuidado com o coração.

– Até o ano que vem! gritou José eloquente e grande, e sua altura parecia desmoronável. Mas as pessoas já afastadas não sabiam se deviam rir alto para ele ouvir ou se bastaria sorrir mesmo no escuro. Além de alguns pensarem que felizmente havia mais do que uma brincadeira na indireta e que só no próximo ano seriam obrigados a se encontrar diante do bolo aceso; enquanto que outros, já mais no escuro da rua, pensavam se a velha resistiria mais um ano ao nervoso e à impaciência de Zilda, mas eles sinceramente nada podiam fazer a respeito: "Pelo menos noventa anos", pensou melancólica a nora de Ipanema. "Para completar uma data bonita", pensou sonhadora.

Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.

(Conto extraído de:

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.)

Texto literário 2:

Tentação

Clarice Lispector

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor - a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pêlos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos - lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-la dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

(Conto extraído de:
LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.)



Sugestão de tema: Escreva um texto narrativo sobre a temática *Minhas memórias*, com no mínimo 15 linhas e no máximo 30 linhas, contando um pouco de sua história de vida, suas experiências ou até mesmo o porquê de você estar estudando na EJA, levando em consideração os acontecimentos passados.

A large, hand-drawn scroll with a thick black outline and irregular, wavy edges. The scroll is unrolled and contains 30 horizontal lines for writing. The top and bottom edges are slightly curled, and there are small details like stitching or folds at the corners.



Um álbum de retratos:

as faces do tempo resgatadas através de um mergulho nos textos de Clarice Lispector

1. Expresse sua trajetória de vida e memórias.
2. Elabore um cartaz com recortes e fotos antigas e recentes.
3. Organize sua apresentação no cartaz optando pelo tempo cronológico ou psicológico.
4. Escolha passagens, trechos e frases da escritora canônica Clarice Lispector que mais reflitam suas histórias de vida.
5. Prepare-se para compartilhar com os amigos, através de uma apresentação oral, justificando o porquê da escolha de determinada frase de Clarice Lispector.



- Apresentação musical
 1. Você gosta de cantar?
 2. Sabe tocar algum instrumento musical?
 3. Que tal trazer para escola um violão ou qualquer outro instrumento musical para finalizarmos as apresentações orais da oficina em grande estilo, cantando e nos divertindo?
 4. Vamos selecionar algumas músicas que contenham ligação com a temática trabalhada?

ROTEIRO PEDAGÓGICO 3

*Museu de pessoas:
relatos de vida inspirados em texto de Carlos Drummond de
Andrade*



Objetivos:

- Analisar um filme e relacioná-lo ao texto literário, introduzindo a temática da proposta das atividades envolvendo narrativas, memórias, histórias com valor canônico.
- Resgatar memórias através da leitura literária e por meio de objetos que carregam recordações, emoções e sentimentos
- Trabalhar a leitura, a expressão oral e a escrita.
- Perceber as características de uma crônica.
- Abordar o termo “cânone literário” e discutir o “poder” da escrita.
- Participar em oficina artístico-literária *Museu de pessoas*, com apresentação oral associativa à temática do texto *Coisas Lembradas* de Drummond, por meio do relato de histórias de vida contadas a partir de objetos pessoais de valor sentimental que carregam lembranças e emoções.

Recursos necessários:

- Mídia do filme *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé e *Memórias Rompidas- um ano depois da lama*, produzido pela TV Assembleia de MG.
- *Datashow* ou televisão e aparelho de Dvd.
- Texto xerocopiado.
- Objetos pessoais levados pelos alunos.

Duração prevista:

9 (nove) tempos de aula.

Desenvolvimento:

Metodologia do Círculo de leitura

1.PREPARAÇÃO

Atividade de sensibilização: Sessão Pipoca com o filme *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé.

1.1. Mini aula

- 1.1.1. Quem foi Carlos Drummond de Andrade.
- 1.1.2. Características de uma crônica.
- 1.1.3. Noções acerca do Cânone literário.

1.2. Seleção de texto de escritor canônico

- 1.2.1. Crônica *Coisas lembradas*.

1.3. A disposição dos leitores

- 1.3.1. Considerar os resultados obtidos através da aplicação do questionário e conhecer as expectativas da turma.

1.4. A sistematização das atividades

- 1.4.1. Cronograma.
- 1.4.1. Disposição das carteiras em círculo na sala de aula.

2.EXECUÇÃO

2.1. O ato de ler

- 2.1. Texto 1: *Coisas lembradas*

2.2. O compartilhamento

- 2.2.1. Pré-discussão.
*Explorar elementos da crônica.

2.2.2. Discussão propriamente dita

- 2.2.2.1. Associar o filme assistido ao texto lido, tratando de questões acerca da importância da memória para a sociedade e de questionamentos ligados ao *status* que certos escritos possuem, o que cria uma ponte com o tema do Cânone e das narrativas de pessoas jovens, adultas e idosas, buscando valorização de suas histórias de vida e de seus objetos de valores.
- 2.2.2.1.2. Momento propício ao diálogo entre o lido e o vivido.

Possíveis discussões: 1- Memória presente em objetos que se tornam de

valor emocional, justamente por carregar lembranças e remeter a acontecimentos do passado rememorados no presente e que carregam grande carga emocional/ 2- Valor sentimental X Valor financeiro/ 3- Reflexos do passado no presente/ 4- A dor da saudade de pessoas que já se foram e a lembrança guardada em objetos pessoais.

2.3. O registro

- 2.3.1. Observações, reflexões e impressões no próprio caderno.
* Falar da relevância das narrativas orais, mas também da importância do registro escrito, dos documentos e dos objetos guardados em museus e explicar os objetivos da etapa seguinte.

3.ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

- 3.1. Resgate de memórias.
 - 3.1.1. Produção oral.
 - 3.1.2. Produção escrita das memórias do lugar de onde vivem ou das *coisas lembradas* dos sujeitos da EJA.

3.1.3. OFICINA ARTÍSTICO-LITERÁRIA *Museu de pessoas: relatos de vida inspirados no texto de Carlos Drummond de Andrade*

- 3.1.3.1. Assim como no texto *Coisas lembradas*, os alunos são estimulados a levarem para o colégio um objeto que carregasse alguma lembrança, recordação de algo ou alguém e a partir desse objeto narrar sua história de vida aos demais, resgatando suas memórias.

3.1.3.2. Atividade extra: Documentário *Memórias Rompidas-um ano depois da lama*, produzido pela TV Assembleia de MG (Resgata a temática do filme assistido, trazendo para a história real) + Texto noticioso acerca do assunto para debate.

4.AVALIAÇÃO

- 4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação.

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.



- Se possível, leve saquinhos de pipoca para a Atividade de sensibilização, denominada sessão pipoca. Afinal, pipoca sempre combina com filme e os alunos vão gostar! Dependendo da situação da instituição escolar, pode existir a possibilidade de a pipoca ser feita no próprio refeitório do colégio. Quem sabe um refrigerante para acompanhar a pipoca?
- Considerando-se que o filme *Narradores de Javé* apresenta duração de 1h42min, é aconselhável disponibilizar de 3 (três) tempos de aula seguidos para essa tarefa, ou, ao menos 2 (dois) tempos de aula, para que seja possível a execução de todo filme e um tempo para discussões e debates. Vale lembrar também que os tempos de aula de turmas da EJA já são reduzidos comparados ao do ensino regular.
- É importante combinar com a turma a organização da estrutura de disposição das carteiras em círculo na sala de aula e as regras de convivência para os Círculos de leitura literária.
- A leitura silenciosa feita pelos alunos antes da leitura coletiva facilita e potencializa a qualidade leitora.
- Os alunos costumam interromper a leitura para fazerem apontamentos. É importante que eles se sintam estimulados a participar, mas, às vezes, isso atrapalha o andamento da leitura. É conveniente deixá-los para a parte do *compartilhamento*, como exposto no quadro acima. É legal combinar isso com a turma antes.
- É extremamente proveitoso deixar os alunos bem à vontade para escolherem e falarem de seus objetos que carregam memórias, histórias de vida. Eles podem levar álbuns de fotos, roupas, acessórios, caixas, sapatos, chaves, bonecas, enfim, os mais variados objetos e relatarem as histórias a eles inerentes, além de justificarem o porquê da escolha e do valor de determinado objeto.

OBSERVAÇÃO: Embora essa possibilidade seja bem remota de acontecer, entretanto, convém alertar aos alunos para que não levem objetos impróprios ao ambiente escolar. Vai que algum aluno queira levar uma espingarda que era do avô, por exemplo?!



1. É bom deixar já combinado com alunos que assim que a aula anterior acabe, eles já comecem a organizar a sala em círculo para a otimização do tempo. Da mesma forma, é conveniente, ao final, disponibilizar um momento para a reorganização da sala em fileiras para o próximo professor.

2. O filme *Narradores de Javé* encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>

3. A atividade extra presente no item 3.1.3.2 do quadro acima é uma sugestão frutífera de culminância da atividade e de diálogo com o filme *Narradores de Javé*, ao trazer a temática presente no filme para a vida real, através de um documentário sobre um fato verídico que aconteceu no ano de 2015 em Mariana-MG. O documentário segue a mesma estrutura do filme, com narrativas de pessoas jovens, adultas e idosas resgatando memórias pessoais e da cidade onde viviam e relatando histórias de vida. Tal como na ficção mostrada no filme, no documentário da vida real várias pessoas foram desalojadas “em nome do progresso”. Assim como em *Narradores de Javé*, no filme da vida real a comunidade de Bento Gonçalves foi alagada, enlameada, com o rompimento da Barragem de Mariana. O documentário *Memórias Rompidas- um ano depois da lama* fala sobre pessoas que perderam suas raízes, suas lembranças e, através do relato das vítimas, no momento da tragédia, elas não pensavam em salvar bens materiais, mas sim lembranças e recordações, como fotos e peças de roupas dos que já se foram.

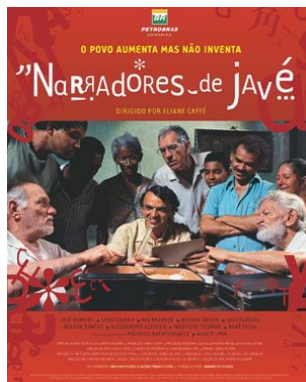
4. O documentário *Memórias Rompidas- um ano depois da lama* encontra-se disponível em: <https://youtu.be/uxGORp0HGic>

ARTEVIDA DE LITERÁRIA 3:

Atividade de sensibilização



1. Assista ao filme *Narradores de Javé* e reflita.



Fonte: < <http://dvdworld.com.br/dvdworld.hts?+VF00286+acha+/narradores-de-jave>>

Sinopse:

Filme brasileiro de 2003, dirigido por Eliane Caffé, *Narradores de Javé* conta a história da cidade de Javé que será submersa pelas águas da represa de uma usina hidroelétrica sob a justificativa do progresso. Por não possuírem registros e nem documentos das terras, os moradores não foram levados em consideração e nem possuíam o direito à indenização. Inconformados, descobrem que a cidade poderia ser preservada caso tivesse sua memória registrada, se possuísse um patrimônio histórico de valor comprovado em “documento científico.” Em uma assembleia, decidem escrever a “história grande de Javé”, os feitos heroicos dos antigos, a originalidade de sua formação, lembranças e histórias de luta do povo. Assim, acreditam salvar Javé das águas.

Para tanto, empenham-se em construir a história da cidade, entretanto, quase ninguém sabia ler e apenas um morador, o carteiro Antônio Biá, sabia escrever. Posto isto, o que acontece é que, em meio a confusões e peripécias, todos começam a narrar suas próprias histórias de vida naquele lugar, recheadas de memórias e experiências para que suas histórias de vida fizessem parte da história da cidade contada no livro que viria a ter uma importância comparada ao *status* canônico.

2. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- Por que, para os personagens do filme, era importante resgatar a memória e escrever a História daquele vilarejo?
- Comente um pouco sobre a relação entre o progresso e o patrimônio histórico.
- Como você considera a importância da memória para uma sociedade?
- Por que existem várias versões para a origem da cidade de Javé? Qual você considera a mais convincente e por quê?
- Quais as principais diferenças entre narrativas orais e narrativas escritas?
- O que Biá poderia ter feito para transformar a memória do povo em história documentada e Javé em patrimônio histórico?



Carlos Drummond de Andrade foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX, sendo um dos principais poetas do Modernismo brasileiro, tendo estreado com o seu primeiro livro na década de 30 e produzido uma vasta obra até a sua morte na década de 80. Drummond já foi retratado como personagem no cinema com o filme *Poeta de Sete Faces* (2002) e na televisão com a minissérie *JK* (2006). Escritor canônico, é representado em esculturas, como é o caso das estátuas “Dois poetas”, na cidade de Porto Alegre, e “O Pensador”, na praia de Copacabana no Rio de Janeiro, além de um memorial em sua homenagem na cidade de Itabira.

Texto literário 1:

Coisas Lembradas

Carlos Drummond de Andrade

A conversa recaiu sobre coisas que os antigos nos deixaram.

– Bem, – disse o bacharel – eles nos deixaram tudo: a ordem social, o direito, as artes e as letras...

– Não me refiro a essa herança colossal – esclareceu o pintor. – Estou falando nos bens de família.

– Ah, sim, aquilo que nos tocou por herança.

– Não é bem por herança. São as coisas que não entram em inventário, e geralmente as mais estimadas.

– Mais estimadas? Uma casa, as ações de uma empresa não são mais estimadas? – arriscou o economista.

– Para mim não são – respondeu o pintor. – E acho que para muita gente também.

– Por exemplo?

– Um objeto de nada. Tanto pode ser um canivete como um daguerreotipo, uma caixinha de madrepérola, um livrinho de apontamentos.

– Tem razão – concordou uma das moças. – Eu venero – é assim mesmo que se diz? – os sapatos de cetim da vovó, com que ela se casou.

– Botou num oratório? – ironizou outra moça.

– Não botei, mas guardo como relíquia. São lindos. Como vovó tinha pés pequeninos! Eu sinto que aqueles sapatinhos faziam parte de um amor e de uma grande esperança.

- Poeta!
 - Antes fosse. Faria a minha ode aos sapatos de cetim.
 - Luísa tem razão – comentou o pintor. – Essas coisas estão impregnadas de sentido, ou melhor, de emoção. E de certo modo são eternas.
 - Como, eternas? – escandalizou-se o economista.
 - Em primeiro lugar, elas duraram mais do que os donos. Sobreviveram. E se nós as conservamos com carinho, continuam vivas por tempo indeterminado. Só morrem quando esquecidas ou jogadas fora.
 - Ou leiloadas.
 - Não. Leiloadas, continuam a viver. Talvez uma existência contrafeita, com a carga emocional diluída. Mas resistem.
 - Nunca tinha pensado nisso – falou o estudante. É mesmo. As coisas podem durar mais do que a gente, mesmo sendo coisas frágeis, que a gente fez.
 - E louça? E xícara em que os bisavós beberam, prato em que eles jantaram, com a pintura azul meio desbotada? Não é um barato? – disse Luísa.
 - Tudo é um barato, se vem de outra era e fala uma linguagem. As caixas de rapé, que tanto podiam ser verdadeiras joias como coisinhas apenas funcionais.
 - Os vasos de Sèvres, das velhas salas de visitas.
 - Não falemos de coisas tão refinadas. Falemos de humildades.
 - O lenço bordado, ou então o lenço grande, de xadrez, para os espirros do rapé.
 - O par de esporas de prata. As caçambas de montaria.
 - Tou me lembrando da sela de meu avô, fazendeiro em Cocais, atirada no porão, e que a gente montava sem cavalo, fingindo galopar.
 - E eu da caneta-tinteiro, dizem que das primeiras que apareceram, vinda dos Estados Unidos, com florões dourados. Tava num baú de minha tia.
 - E minha tia, que guardava uma coleção de vidros de perfume franceses dos bons tempos, todos de formato *art-nouveau*: rosas, lírios, crisântemos?
 - Coleção já é um exagero. Basta uma peça de coisa antiga, ligada à história familiar.
 - Ah, que coisa fantástica o espartilho que minha madrinha guardava no armário! Pedi para experimentar, ela recusou. Eu queria curtir o século XIX dentro dele.
- E assim foram passando em revista os binóculos, os carnês de baile, as luvas, as estampas, as cartolas, os xales, os relógios, desfilaram compoteiras, penicos, *lorgnons*, peles, camafeus, almofarizes, porta-cartões, potes de farmácia, condecorações, laços de fita, surgiram no ar, em palavra, bugigangas, pequenas preciosidades, bagulhos, berenguendéns, bagatelas, coisas foscas ou de brilho, nonadas, fanfreluches, tudo tocado pelo tempo e pelos mortos, tudo que é saudade ou aspira a sê-lo. Alguém suspirou:
- “A grande dor das coisas que passaram.”
- Mas o pintor reagiu:
- A grande cor, a grande flor das coisas que passaram.

(Crônica extraída de:
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.)



Sugestão de temas: Escreva um texto, entre 15 e 30 linhas, narrando as *Memórias do lugar onde você vive* ou, tal como no texto lido de Drummond, sobre suas *Coisas lembradas* e histórias de vida. Escolha uma das duas temáticas.

A large, hand-drawn scroll with horizontal lines for writing, intended for the student's response. The scroll is unrolled and has a slightly wavy, aged appearance with some texture on the edges.



*Museu de pessoas:
relatos de vida inspirados no texto de Carlos Drummond de Andrade*

1. Expresse sua trajetória de vida e memórias por meio de algo concreto que carregue recordações.
2. A partir da leitura da obra *Coisas lembradas* de Drummond, selecione e traga para a escola um objeto que guarda alguma memória ou lembrança de algo ou alguém.
3. Compartilhe o motivo da escolha de determinado objeto/*coisa lembrada*.
4. A partir desse objeto, narre suas histórias de vida aos demais por meio da memória resgatada por tal objeto. Conte-nos um pouco de sua vida, de suas memórias!



1. Assista ao documentário *Memórias Rompidas- um ano depois da lama* e estabeleça ligações com o filme *Narradores de Javé* e com o texto literário *Coisas lembradas*, de Drummond.



Fonte: <<https://youtu.be/uxGORp0HGic>>

Sinopse:

Documentário brasileiro de 2016, editado por Erick Araújo, produzido pela TV Assembleia de MG. Mostra o lado humano da tragédia de Mariana. Suas vítimas perderam não apenas bens materiais. Foram, sobretudo, atingidas em cada história de vida e em muitos vínculos sociais e afetivos. Em nome do “progresso”, muitas pessoas perderam sua cidade, raízes, histórias e recordações.

No filme da vida real, comunidades foram alagadas, enlameadas, com o rompimento da Barragem de Mariana, em Minas Gerais. O relato das vítimas presente no documentário demonstra que não pensavam em salvar bens materiais, mas sim lembranças e recordações, como fotos e peças de roupas dos que já se foram. Perdas humanas, não apenas em óbitos, mas também nos testemunhos de quem perdeu a própria história de vida.

2. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- A vida imita a arte ou a arte imita a vida? Qual é a relação entre ficção e realidade?
- Você acredita que cada autor ao escrever um texto deixa marcas de si, de suas memórias, de suas histórias? Por quê?
- Qual é a relação existente entre o filme fictício *Narradores de Javé*, o documentário da vida real *Memórias Rompidas- um ano depois da lama* e o texto literário *Coisas lembradas*, de Drummond? Aponte semelhanças e diferenças.

Texto noticioso:

TV Assembleia recorda um ano da tragédia de Mariana



Documentário Memórias Rompidas destaca a importância do registro fotográfico na lembrança dos sobreviventes.

A foto de um filho que se foi, de um casamento, de uma casa. Lembranças eternizadas em papel, em negativo, em álbuns. Para muitos moradores atingidos pela lama da mineradora Samarco - nos subdistritos de Bento Rodrigues e Paracatu, em Mariana (Região Central de Minas Gerais),- esses retalhos em celulose guardam tesouros inestimáveis. Lembranças afetivas de um outro tempo, um tempo interrompido pelo inaceitável, pelo absurdo. Esse é o foco do documentário Memórias Rompidas, produzido pela TV Assembleia, que estreou em 5 de novembro de 2016, quando se completou um ano do maior desastre ambiental da história do país.

Do bombeiro que participa das operações de resgate ao fotojornalista que registra a busca do corpo de uma criança; do promotor que cuida da indenização das vítimas ao homem que olha com saudades a casa da família; do fotógrafo que cede aos sobreviventes imagens de seu acervo à mãe que chora a perda da filha. Todos têm em comum o registro fotográfico como reforço da memória.

Essas e outras histórias estão presentes no documentário editado por Erick Araújo, com produção de Tatiane Fontes, tendo como cinegrafistas Alex Ramos, Antônio Pedrosos Jr. e Thiago Phillip. “É um trabalho coletivo da TV Assembleia”, faz questão de registrar Erick, destacando que o objetivo é mostrar o lado humano da tragédia de Mariana, cujas vítimas perderam não somente casas e bens materiais, mas foram sobretudo atingidas em sua própria história de vida, perdendo vínculos sociais e afetivos com parentes e vizinhos. Daí a importância que a fotografia tem em todos os relatos.

Vivendo até hoje em condições improvisadas, os personagens dessa tragédia sofrem com preconceito e inadaptação à nova situação de vida, enquanto aguardam a recriação das novas comunidades.

Episódios

Além do documentário, a equipe produziu uma série de episódios, de 6 a 10 minutos, destacando, separadamente, o impacto do rompimento da barragem na vida de cada entrevistado. Os episódios foram exibidos nos intervalos da programação da TV ALMG no mês de outubro. “Além de dar mais visibilidade a cada história, queríamos que essa pauta ficasse por mais tempo na nossa grade de programação. A dimensão da tragédia é muito grande para que fosse resumida à lembrança de um único dia em novembro. O que ocorreu em Mariana não pode ser esquecido”, afirma o editor.

Memórias Rompidas foi gravado entre julho e outubro de 2016, em Mariana, Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Belo Horizonte. Todas as locações e entrevistados foram fotografados para que as imagens fossem usadas nos vídeos e para compor a Galeria de Fotos que faz parte do dvd.

Disponível em: <<http://www.astralbrasil.org/single-post/2016/12/06/TV-Assembleia-recorda-um-ano-da-trag%C3%A9dia-de-Mariana>>

ROTEIRO PEDAGÓGICO 4

A Colcha de retalhos: costurando memórias a partir da leitura de Drummond



***Observação 1:** Essa atividade foi elaborada como sendo uma proposta de continuação da anterior presente no Roteiro Pedagógico 3. Faz-se uso do mesmo texto literário norteador *Coisas lembradas*, de Carlos Drummond de Andrade e desenvolve-se a partir da produção textual realizada pelos alunos. Entretanto, não pressupõe dependência, podendo figurar facilmente como uma atividade ímpar.

Objetivos:

- Refletir sobre noções de todo e parte, de compartilhamento, solidariedade, partilha e trabalho coletivo, a partir de imagens.
- Resgatar memórias através da leitura literária e materializá-las no papel e no tecido, trabalhando a produção textual de memórias.
- Trabalhar a leitura, a expressão oral e a escrita.
- Abordar noções acerca da valorização das histórias de vida e da autoestima.
- Participar em oficina artístico-literária *Colcha de retalhos*, transcrevendo as memórias para um pedaço de pano e remendando às memórias dos colegas da turma, formando uma colcha de retalhos de recordações e histórias de vida. Trabalho coletivo de corte e costura..

Recursos necessários:

- Texto xerocopiado.
- Papel.
- Lápis, borracha e canetinhas coloridas/ caneta para escrita em tecido.
- Retalhos de panos, de diferentes tecidos, cores e tamanhos.
- Tesoura, linha e agulha.

Duração prevista:

5 (cinco) tempos de aula.

Desenvolvimento:

Metodologia do Círculo de leitura

1. PREPARAÇÃO

Atividade de sensibilização: interpretação e reflexão acerca da temática a ser explorada, a partir de imagens.

1.1. Mini aula

- 1.1.1. Quem foi Carlos Drummond de Andrade.
- 1.1.2. Características de uma crônica.
- 1.1.3. Noções acerca de texto verbal e texto não-verbal.

1.2. Seleção de texto de escritor canônico

- 1.2.1. Crônica *Coisas lembradas*.

1.3. A disposição dos leitores

- 1.3.1. Considerar os resultados obtidos através da aplicação do questionário e conhecer as expectativas da turma.

1.4. A sistematização das atividades

- 1.4.1. Cronograma.
- 1.4.1. Disposição das carteiras em círculo na sala de aula.

2. EXECUÇÃO

2.1. O ato de ler

- 2.1. Texto 1: *Coisas lembradas*.

2.2. O compartilhamento

- 2.2.1. Pré-discussão.
*Explorar elementos da crônica.

2.2.2. Discussão propriamente dita²

2.2.2.1. Criar relações entre o texto lido e o debate entorno das imagens apresentadas. Caso essa atividade esteja sendo realizada em sequência à anterior, retomar pontos de consonância entre o texto e o filme *Narradores de Javé* e promover o revisitar de memórias dos sujeitos da EJA.

Debater sobre texto verbal X texto não-verbal e o valor concedido à escrita.

- 2.2.2.1.2. Momento propício ao diálogo entre o lido e o vivido.

Possíveis discussões: 1- memória presente em objetos que se tornam de valor emocional, justamente por carregar lembranças e remeter a acontecimentos do passado rememorados no presente e que carregam grande carga emocional/ 2- Valor sentimental X Valor financeiro/ 3- Reflexos do passado no presente/ 4- A dor da saudade de pessoas que já se foram e a lembrança guardada em objetos pessoais.

2.3. O registro

2.3.1. Observações, reflexões e impressões no próprio caderno.

* Falar da relevância das narrativas orais, mas também da importância do registro escrito, dos documentos e dos objetos guardados em museus e explicar os objetivos da etapa seguinte.

3. ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

3.1. Resgate de memórias.

3.1.1. Produção oral.

3.1.2. Produção escrita das memórias do lugar de onde vivem ou das *coisas lembradas* dos sujeitos da EJA.

3.1.3. OFICINA ARTÍSTICO-LITERÁRIA *A Colcha de retalhos: costurando memórias a partir da leitura de Drummond*

3.1.3.1. Após avaliação e ajustes à produção escrita, os alunos são solicitados a levarem um pedaço de tecido de qualquer cor e tamanho e canetinhas coloridas. De posse das produções escritas passam-nas para o pedaço de pano, escrevendo suas histórias no tecido para remendar outras histórias dos demais colegas da turma, constituindo, assim, um todo feito das partes de cada um, costuradas com linhas coloridas por eles mesmos.

4. AVALIAÇÃO

4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação.

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.

² Veja a Observação 2 na página seguinte.

***Observação 2:** Por se tratar do mesmo texto literário do Roteiro Pedagógico 3, do item 2.2.2.1.2 até o item 3.1.2, seguem os mesmos critérios, com exceção da oficina artístico-literária. Se essa atividade for realizada como continuação da anterior, pular esses itens já aplicados (2.2.2.1.2 – 3.1.2) e a partir da produção textual feita pelos alunos, dar continuidade com a oficina. Caso optou-se por não aplicar a proposta do Roteiro Pedagógico 3, visto que não existe obrigatoriedade de sequência e dependência, considerar todos os itens do quadro de desenvolvimento da atividade.

Partilhando ideias e experiências:



- Durante a oficina, cada um com sua história de vida individual a transforma em ensinamento coletivo através de suas experiências de vida e também, coletivamente, ao participarem da oficina, cortando panos e costurando suas histórias às histórias dos amigos. Assim, foi encontrada uma forma de concretizar a metáfora da vida enquanto uma colcha de retalhos, feita por histórias que se cruzam e entrecruzam, costuradas pelas linhas do tempo que perfuram com a agulha o tecido, juntando as partes, remendando histórias.
- O interessante é que seja realizado um trabalho coletivo, com todos construindo a colcha, seja cortando panos, costurando, medindo, decorando.... Quanto mais coloridos forem os retalhos e as linhas, mais diversificada ficará a colcha. Estimule a cooperação e o debate acerca da valorização das mais diversas histórias de vida e da autoestima e de como as várias partes diferentes podem compor um todo.

OBSERVAÇÃO: Mesmo sendo uma turma de jovens e adultos, é bom ter cuidado com o manejo das agulhas em sala de aula.



- 1. Atenção para a escolha das canetinhas na hora da escrita no tecido, às vezes, dependendo da escolha da cor, elas podem não ficar muito legíveis considerando também a cor do tecido.**
- 2. Caso alguns alunos esqueçam de levar o retalho de pano, estimule a partilha em sala de aula. Em geral, os tecidos levados podem ser divididos ao meio.**

ARTEVIDADE LITERÁRIA 4:

Atividade de sensibilização



1. Observe as imagens abaixo:



Fonte: Google imagens

2. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- Qual é a relação que pode existir entre as imagens?
- Se fôssemos analisar as imagens na ordem disposta acima, o que podemos entender a partir de sua sequência?
- Você tem o costume de compartilhar suas histórias e acontecimentos importantes em sua vida?
- Você tem objetos antigos de valor sentimental? Se sim, qual ou quais?
- Você concorda com a frase: *Uma imagem vale mais do que mil palavras?* Por quê?



Carlos Drummond de Andrade foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX, sendo um dos principais poetas do Modernismo brasileiro, tendo estreado com o seu primeiro livro na década de 30 e produzido uma vasta obra até a sua morte na década de 80. Drummond já foi retratado como personagem no cinema com o filme *Poeta de Sete Faces* (2002) e na televisão com a minissérie *JK* (2006). Escritor canônico, é representado em esculturas, como é o caso das estátuas “Dois poetas”, na cidade de Porto Alegre, e “O Pensador”, na praia de Copacabana no Rio de Janeiro, além de um memorial em sua homenagem na cidade de Itabira.

Texto literário 1:

Coisas Lembradas

Carlos Drummond de Andrade

A conversa recaiu sobre coisas que os antigos nos deixaram.

– Bem, – disse o bacharel – eles nos deixaram tudo: a ordem social, o direito, as artes e as letras...

– Não me refiro a essa herança colossal – esclareceu o pintor. – Estou falando nos bens de família.

– Ah, sim, aquilo que nos tocou por herança.

– Não é bem por herança. São as coisas que não entram em inventário, e geralmente as mais estimadas.

– Mais estimadas? Uma casa, as ações de uma empresa não são mais estimadas? – arriscou o economista.

– Para mim não são – respondeu o pintor. – E acho que para muita gente também.

– Por exemplo?

– Um objeto de nada. Tanto pode ser um canivete como um daguerreotipo, uma caixinha de madrepérola, um livrinho de apontamentos.

– Tem razão – concordou uma das moças. – Eu venero – é assim mesmo que se diz? – os sapatos de cetim da vovó, com que ela se casou.

– Botou num oratório? – ironizou outra moça.

³ Como esta atividade pode ser ou não uma continuação da anterior (Roteiro Pedagógico 4), optou-se pela repetição do texto literário, bem como da informação a respeito do escritor para o caso de ser realizada separadamente.

– Não botei, mas guardo como relíquia. São lindos. Como vovó tinha pés pequeninos! Eu sinto que aqueles sapatinhos faziam parte de um amor e de uma grande esperança.

– Poeta!

– Antes fosse. Faria a minha ode aos sapatos de cetim.

– Luísa tem razão – comentou o pintor. – Essas coisas estão impregnadas de sentido, ou melhor, de emoção. E de certo modo são eternas.

– Como, eternas? – escandalizou-se o economista.

– Em primeiro lugar, elas duraram mais do que os donos. Sobreviveram. E se nós as conservamos com carinho, continuam vivas por tempo indeterminado. Só morrem quando esquecidas ou jogadas fora.

– Ou leiloadas.

– Não. Leiloadas, continuam a viver. Talvez uma existência contrafeita, com a carga emocional diluída. Mas resistem.

– Nunca tinha pensado nisso – falou o estudante. É mesmo. As coisas podem durar mais do que a gente, mesmo sendo coisas frágeis, que a gente fez.

– E louça? E xícara em que os bisavós beberam, prato em que eles jantaram, com a pintura azul meio desbotada? Não é um barato? – disse Luísa.

– Tudo é um barato, se vem de outra era e fala uma linguagem. As caixas de rapé, que tanto podiam ser verdadeiras joias como coisinhas apenas funcionais.

– Os vasos de Sèvres, das velhas salas de visitas.

– Não falemos de coisas tão refinadas. Falemos de humildades.

– O lenço bordado, ou então o lenço grande, de xadrez, para os espirros do rapé.

– O par de esporas de prata. As caçambas de montaria.

– Tou me lembrando da sela de meu avô, fazendeiro em Cocais, atirada no porão, e que a gente montava sem cavalo, fingindo galopar.

– E eu da caneta-tinteiro, dizem que das primeiras que apareceram, vinda dos Estados Unidos, com florões dourados. Tava num baú de minha tia.

– E minha tia, que guardava uma coleção de vidros de perfume franceses dos bons tempos, todos de formato *art-nouveau*: rosas, lírios, crisântemos?

– Coleção já é um exagero. Basta uma peça de coisa antiga, ligada à história familiar.

– Ah, que coisa fantástica o espartilho que minha madrinha guardava no armário! Pedi para experimentar, ela recusou. Eu queria curtir o século XIX dentro dele.

E assim foram passando em revista os binóculos, os carnês de baile, as luvas, as estampas, as cartolas, os xales, os relógios, desfilaram compoteiras, penicos, *lorgnons*, peles, camafeus, almofarizes, porta-cartões, potes de farmácia, condecorações, laços de fita, surgiram no ar, em palavra, bugigangas, pequenas preciosidades, bagulhos, berenguendéns, bagatelas, coisas foscas ou de brilho, nonadas, fanfreluches, tudo tocado pelo tempo e pelos mortos, tudo que é saudade ou aspira a sê-lo. Alguém suspirou:

– “A grande dor das coisas que passaram.”

Mas o pintor reagiu:

– A grande cor, a grande flor das coisas que passaram.

(Crônica extraída de:
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.)



Sugestão de temas: Escreva um texto, entre 15 e 30 linhas, narrando as *Memórias do lugar onde você vive* ou, tal como no texto lido de Drummond, sobre suas *Coisas lembradas* e histórias de vida. Escolha uma das duas temáticas.

A large, hand-drawn scroll with horizontal lines for writing, intended for the student's response. The scroll is unrolled and has a slightly wavy, aged appearance with some texture on the edges.



*A Colcha de retalhos:
costurando memórias a partir da leitura de Drummond*

1. Traga para o colégio retalhos de panos de diferentes cores e formatos e canetinhas coloridas.
2. Após avaliar e ajustar a sua produção escrita feita no papel, transcreva-a para o pedaço de pano.
3. Depois de escrever suas histórias no tecido, remende-a a outras histórias dos demais colegas da turma, constituindo, assim, um todo feito das partes de cada um, costuradas com linhas coloridas por vocês mesmos.
4. Lembre-se, este é um trabalho coletivo! A colcha deve ser construída por todos. Seu colega esqueceu de trazer um retalho? Que tal dividir o seu com ele? Ajude-o a cortar o pano, costure seu tecido ao tecido de outro colega, vá juntando as partes recheadas de grandes histórias e acontecimentos.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 5

*Em busca da autoestima:
reflexos do espelho e construção do autorretrato a partir de conto
de Machado de Assis*



Objetivos:

- Discutir acerca da dualidade da alma externa e interna, do ser humano como um ser controvertido, dividido, estimulando o debate sobre as imagens que os alunos têm deles mesmos e de quem já foram um dia.
- Incentivar o fortalecimento da autoestima dos alunos da EJA e percepções de si mesmos através da leitura do texto literário *O espelho*, de Machado de Assis, resgatando, ao mesmo tempo, memórias e lembranças que fazem de cada sujeito o que são hoje.
- Trabalhar a leitura (inclusive a leitura que os alunos fazem de si mesmos), a expressão oral e a escrita.
- Perceber as características de um texto machadiano e algumas noções básicas sobre movimento literário do Realismo.
- Participar em oficina artístico-literária de *Autorretrato*, por meio do desenho das próprias imagens dos alunos através do espelho, fotos recentes e antigas e até mesmo por *selfies* tiradas no celular, e associar a participação na oficina ao texto *O espelho*, de Machado de Assis.

Recursos necessários:

- Texto xerocopiado.
- Espelho ou celular para *selfies* ou fotos.
- Papel, lápis e borracha.

Duração prevista:

8 (oito) tempos de aula.

Desenvolvimento:

Metodologia do Círculo de leitura

1.PREPARAÇÃO

Atividade de sensibilização: interpretação e reflexão acerca da temática a ser explorada, a partir de imagens. Estimular indagações sobre si mesmo.

1.1. Mini aula

1.1.1. Quem foi Joaquim Maria Machado de Assis.

1.1.2. Características dos textos machadianos.

1.1.3. Noções básicas acerca do Realismo.

1.2. Seleção de texto de escritor canônico

1.2.1. Conto *O espelho*.

1.3. A disposição dos leitores

1.3.1. Considerar os resultados obtidos através da aplicação do questionário e conhecer as expectativas da turma.

1.4. A sistematização das atividades

1.4.1. Cronograma.

1.4.1. Disposição das carteiras em círculo na sala de aula.

2.EXECUÇÃO

2.1. O ato de ler

2.1. Texto 1: *O espelho*.

2.2. O compartilhamento

2.2.1. Pré-discussão.

*Explorar o significado de algumas palavras que possam ser consideradas difíceis pelos alunos e tratar de algumas alusões feitas no texto, como: Shylock, Camões, César e Cromwell, Longfellow e recorrências em língua inglesa e francesa.

2.2.2. Discussão propriamente dita

2.2.2.1. Associar o texto lido à leitura que os alunos fazem de si mesmos, resgatando, ao mesmo tempo, memórias e lembranças que fazem de cada sujeito o que são hoje.

2.2.2.1.2. Momento propício ao diálogo entre o lido e o vivido.

Possíveis discussões: 1- Os espelhos refletem quem realmente somos?/ 2- Interior X Exterior, Beleza interior X Beleza exterior, Alma interna X Alma externa/ 3- Consciente e Inconsciente/ 4- Verdades absolutas/ 5- Reflexos de quem já fomos, lembranças e memórias/6- hipocrisia e aparências/ 7- Autoestima 8- O inacabamento do ser humano, mudanças e transformações ao longo da vida.

2.3. O registro

2.3.1. Observações, reflexões e impressões no próprio caderno.

* Explorar elementos do Realismo no texto machadiano.

3.ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

3.1. Resgate de memórias.

3.1.1. Produção oral.

3.1.2. Produção escrita sobre *Quem fui e quem sou*.

3.1.3. OFICINA ARTÍSTICO-LITERÁRIA *Em busca da autoestima: reflexos do espelho e construção do autorretrato a partir de conto de Machado de Assis*

3.1.3.1. Expressão por meio de um autorretrato, um desenho das próprias imagens dos alunos através do espelho, fotos recentes e antigas e até mesmo por *selfies* tiradas no celular. Os discentes devem ficar à vontade para encontrar o melhor meio de se expressar e demonstrar como se veem.

3.1.3.2. Atividade extra: Convidar os alunos a analisarem o quadro do cachimbo, de Renné Magritte e estimular associações à temática do Realismo, do que parece ser e não é, da imagem e da essência.

4.AVALIAÇÃO

4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação.

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.



- É bom levar alguns dicionários para a sala de aula. O texto apresenta algumas palavras que os alunos podem desconhecer. Além de facilitar a leitura, é também um excelente exercício de ampliação lexical.
- Também é importante o docente situar os alunos a respeito de algumas alusões realizadas no texto:

Shylock: é um personagem fictício da peça *The Merchant of Venice* (*O Mercador de Veneza*), de William Shakespeare. Na peça, ele é um agiota judeu que empresta dinheiro a seu rival cristão Antônio, tendo por fiança a libra de sua carne. No auge de sua avareza, prefere a filha morta a perder suas pedras e ducados.

Camões: foi um poeta nacional de Portugal, considerado uma das maiores figuras da literatura lusófona e um dos grandes poetas do Ocidente. Conhecido por sua obra *Os Lusíadas*.

César: imperador romano e **Cromwell:** estadista inglês. Ambos ditadores que fizeram de tudo pelo poder, e embora tendo recusado o título de rei, morreram soberanos em seu próprio despotismo.

Longfellow: poeta americano cujos versos em língua inglesa são utilizados no texto para expressar o desespero da protagonista diante do tempo, tempo que mediante seu sofrimento, parecia uma eternidade.

- No decorrer da oficina, os alunos precisam se sentir à vontade para encontrar o melhor meio de demonstrar como se veem. Para isso, podem escolher realizar o autorretrato através do reflexo no espelho, a partir de fotos recentes ou antigas (fica a critério de como o aluno prefere se retratar) e por meio de *selfies* (sugestão dos próprios alunos durante o momento de execução da oficina). É extremamente proveitoso considerar as sugestões dos próprios alunos, isso os coloca na posição de sujeito ativo e crítico e garante-lhes maior autonomia.

OBSERVAÇÃO: *Selfie* “é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente uma **selfie** é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada, com um smartphone, por exemplo.”

(Significado disponível em: <<https://www.significados.com.br/selfie/>>)



1. Trabalhar com atividades que favoreçam o fortalecimento da autoestima do aluno é um excelente exercício principalmente em turmas da EJA. Em *A autoestima se constrói passo a passo*, Lucia Moysés (2007, p. 18) diz que “o sentimento de valor que acompanha essa percepção que temos de nós próprios se constitui na nossa autoestima. Ou seja, ela é a resposta no plano afetivo de um processo originado no plano cognitivo. É a avaliação daquilo que sabemos a nosso respeito (...)” Esse saber a nosso respeito, muitas vezes é evidenciado através das memórias e até mesmo por meio do outro ou da identificação com as memórias alheias que se fazem, por vezes, coletivas. (MOYSÉS, Lucia. *A autoestima se constrói passo a passo*. São Paulo: Papirus, 2007.)

2. Caso queira ler mais sobre Machado de Assis, sua leitura em sala de aula enquanto um clássico da Literatura ou sobre o Realismo no Brasil, seguem algumas indicações bibliográficas:

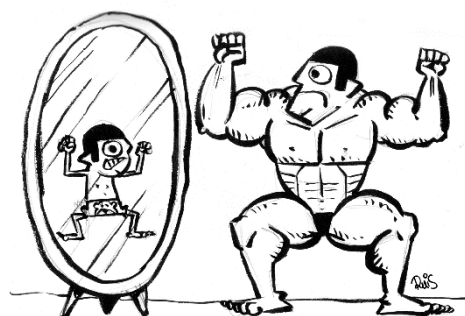
- AMPARO, Flávia V. da Silva do. “Por que ler e como ler: eis a questão”. *Interletras* (Dourados), v. 3, p. 1-14, 2013. Disponível em: www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n17/conteudo/.../24.docx
- *Machado de Assis: ABL*. Espaço Machado de Assis: Idealizado pela ABL - Academia Brasileira de Letras, possui acervo completo sobre Machado de Assis. Disponível em: www.machadodeassis.org.br/
- *O Realismo no Brasil*. Disponível em: <http://www.soliteratura.com.br/realismo/realismo04.php>

ARTEVIDADE LITERÁRIA 5:

Atividade de sensibilização



1. Observe as imagens abaixo. Reflita sobre elas e busque uma interpretação para cada uma:



Fonte: Google imagens

2. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- Você é exatamente o que vê no espelho? Explique.
- Com qual das duas imagens acima você mais se identifica, a da direita ou a da esquerda? Por quê?
- Você é feliz por ser quem você é?
- Está satisfeito com sua aparência refletida no espelho e nas fotografias?
- Agora veja a sua foto na Carteira de Identidade. Você se vê representado nela? Você gosta dessa foto? Ela é um reflexo real de quem é você? Justifique.
- Qual é o seu posicionamento sobre “aparência” X “essência”? Explique.
- Qual é a diferença entre beleza interior e beleza exterior?
- O que é viver de aparências? Isso é uma realidade para você ou para a sociedade onde vive?



Joaquim Maria Machado de Assis foi o principal nome da literatura do século XIX e o fundador da Academia Brasileira de Letras. Escreveu contos, crônicas, poemas e romances. Foi um escritor que produziu a sua obra de forma ininterrupta dos 15 aos 69 anos, ou seja, da adolescência até a sua morte em 1908. Sua obra assume uma originalidade despreocupada com as modas literárias dominantes de seu tempo, oriundo de família humilde, o escritor não frequentou oficialmente a escola, sendo ainda mais brilhante por ser autodidata, tendo constituído seu cabedal de conhecimento nas bibliotecas e gabinetes de leitura do Rio de Janeiro. As Memórias Póstumas foram publicadas primeiramente em 1880, no jornal.

Texto literário 1:

O espelho Esboço de uma nova teoria da alma humana

Machado de Assis

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além eles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

- Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjetura, ao menos.

- Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no coração.*" Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

- Não?

- Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade, gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

- Perdão; essa senhora quem é?

- Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos...

Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda.

Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepeírola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

- Espelho grande?

- Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

- Não.

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

- Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

- Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

- Matá-lo?

- Antes assim fosse.

- Coisa pior?

- Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: *Never, for ever! - For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: *-Never, for ever!- For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac*. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

- Sim, parece que tinha um pouco de medo.

- Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único -porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac*. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. *Soeur Anne, soeur Anne...* Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

- Mas não comia?

- Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos,

trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula. *Tic-tac, tic-tac...*

- Na verdade, era de enlouquecer.

- Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. - Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

- Diga.

- Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

- Mas, diga, diga.

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

(Conto extraído de:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. São Paulo: Via leitura, 2016)



Sugestão de tema: Escreva um texto sobre a temática *Quem fui e quem sou*, relatando quais as imagens que você tem de si mesmo no presente e de quem você já foi no passado. Entre 15 e 30 linhas, conte como suas lembranças e memórias fazem de você o que é hoje, por quais mudanças você passou.

A large, hand-drawn scroll with a wavy, irregular border. The scroll is unrolled and contains 25 horizontal lines for writing. The top and bottom edges are slightly curled, and there are small, sketchy details at the corners suggesting the scroll's texture and binding.



Em busca da autoestima:

*reflexos do espelho e construção do autorretrato a partir de conto
de Machado de Assis*

1. Com base nas reflexões a respeito do texto *O Espelho* de Machado de Assis, você é convidado a olhar para si mesmo. O que o espelho reflete sobre você?
2. Faça um autorretrato, desenhando sua própria imagem através do espelho, fotos recentes e antigas e até mesmo por *selfies* tiradas no celular.
3. Fique à vontade para se expressar e demonstrar como você se vê.



1. Para reflexão, discussão e análise



1928/29 - René Magritte (1898-1967)

Tradução: *Isto não é um cachimbo.*

ROTEIRO PEDAGÓGICO 6

*Uma construção de identidade:
refletindo sobre “o eu profundo e outros eus”⁴ por meio de texto de
Lima Barreto*



Objetivos:

- Despertar nos alunos indagações acerca da complexidade do ser humano.
- Tratar de questões sociais que influenciam nas histórias de vida das pessoas e em quem elas se transformam, a partir da leitura da carta que compõe a primeira parte do livro *Cemitério dos vivos*, de Lima Barreto.
- Refletir, a partir do texto literário, sobre até que ponto as memórias e histórias passadas podem interferir positivamente ou negativamente no que somos hoje e em quem precisamos ser.
- Trabalhar a leitura, a expressão oral e a escrita.
- Conhecer um pouco sobre Lima Barreto e suas características peculiares de escrita.
- Participar em oficina artístico-literária “O eu profundo e os outros eus” em que os alunos apresentam as diversas faces de si mesmo representando-se por fotos, recortes e imagens como são, como se veem e como os outros os veem.

Recursos necessários:

- Texto xerocopiado.
- Fotos, recortes e imagens.
- Papel, lápis e borracha ou canetinhas coloridas.
- Cola e tesoura.

Duração prevista:

5 (cinco) tempos de aula.

⁴ Referência à obra de Fernando Pessoa.

Desenvolvimento:

Metodologia do Círculo de leitura

1.PREPARAÇÃO

Atividade de sensibilização: música *Balada do louco*, de Ney Matogrosso.

1.1. Mini aula

1.1.1. Quem foi Afonso Henriques de Lima Barreto.

1.1.2. Principais características dos textos de Lima Barreto.

1.1.3. Textos autobiográficos e diários.

1.2. Seleção de texto de escritor canônico

1.2.1. 1º texto do diário (O Pavilhão e a Pínel) transformado no livro *Cemitério dos vivos*.

1.3. A disposição dos leitores

1.3.1. Considerar os resultados obtidos através da aplicação do questionário e conhecer as expectativas da turma.

1.4. A sistematização das atividades

1.4.1. Cronograma.

1.4.1. Disposição das carteiras em círculo na sala de aula.

2.EXECUÇÃO

2.1. O ato de ler

2.1. Texto 1: *1ª parte – Anotações para o Cemitério dos vivos*- O Pavilhão e a Pínel.

2.2. O compartilhamento

2.2.1. Pré-discussão.

*Explorar o significado de algumas palavras que possam ser consideradas difíceis pelos alunos.

2.2.2. Discussão propriamente dita

2.2.2.1. Perceber características autobiográficas no texto, associando a escrita do autor à própria vida dele e, ao mesmo tempo, possibilitando reflexões sobre o quanto de nós fica expresso em nossa escrita, nossas marcas e histórias de vida.

Refletir, a partir do texto literário, sobre até que ponto as memórias e histórias passadas podem interferir

positivamente ou negativamente no que somos hoje e em quem precisamos ser.

2.2.2.1.2. Momento propício ao diálogo entre o lido e o vivido.

Possíveis discussões: 1- Injustiças e preconceitos/ 2- Memórias de um negro/ 3- Escritos em diários/ 4- As várias faces do ser humano- o eu profundo e s outros eus/ 5- Concepções de loucura/ 6- Loucura X Lucidez na sociedade da época/ 7- Perfil do autor e escrita canônica/ 8- Traços autobiográficos em textos, memórias, diários e confissões/ 9- Documento biográfico e elaboração ficcional/ 10- (Perda de) Identidade/ 11- Autoconhecimento.

2.3. O registro

2.3.1. Observações, reflexões e impressões no próprio caderno.

* Destacar algumas características peculiares dos textos de Lima Barreto.

3.ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

3.1. Resgate de memórias.

3.1.1. Produção oral.

3.1.2. Produção escrita sobre *Como eu gostaria de ser* ou *Como os outros me veem* ou *Meu passado me condena*.

3.1.3. OFICINA ARTÍSTICO-LITERÁRIA *Uma construção de identidade: refletindo sobre “o eu profundo e outros eus” por meio de texto de Lima Barreto*

3.1.3.1. Apresentar em cartaz as diversas faces de si mesmo representando-se por meio de fotos, recortes, imagens e legendas como são, como se veem e como os outros os veem.

4.AVALIAÇÃO

4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação.

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.



- É bom levar alguns dicionários para a sala de aula. O texto apresenta algumas palavras que os alunos podem desconhecer. Além de facilitar a leitura, é também um excelente exercício de ampliação lexical.
- Esse é um texto que pode vir a causar certo impacto no leitor. É uma narrativa intensa, com temáticas referentes a mazelas, loucura, manicômio etc. É interessante observar a reação dos alunos e suas reflexões concernentes ao assunto trabalhado. Talvez possa ser um momento para os alunos também expressarem momentos difíceis em suas vidas, em que se sentiram aprisionados seja com relação aos seus modos de pensar e de agir, seja por imposição familiar ou da sociedade. Convém abordar a questão da intencionalidade ficcional na construção estética do texto e o limite entre a ficção e a realidade da narrativa.
- É importante trabalhar a concepção de loucura no início do século XX, momento descrito/vivido por Lima Barreto, junto aos alunos, direcionando a discussão para a configuração da loucura como sendo um fenômeno rodeado de questões sociais específicas de cada cultura. No caso do autor, há uma nítida questão relacionada à exclusão de pessoas por aspectos sociais e raciais.
- Para a oficina, é fundamental que os alunos sejam orientados com antecedência para levarem para o colégio as fotos, imagens e recortes para realização do cartaz em sala de aula. O fator criatividade deve ser destacado e o humor ou a sátira podem estar fortemente presentes nos cartazes elaborados. Os alunos também podem optar por desenharem (ao invés de fotos e recortes) as representações de si ante o próprio olhar e o olhar dos outros.

OBSERVAÇÃO: A produção escrita pode ser exposta juntamente com o cartaz resultante da oficina em um varal de histórias ou varal de memórias.



1. Uma sugestão é levar para sala de aula um pouco da história de vida de Lima Barreto ou propor aos alunos uma pesquisa sobre a biografia do escritor para facilitar o entendimento do texto lido e para que seja possível realizar a associação a vida e a obra do autor, com reconhecimento do texto de caráter autobiográfico. É importante que o aluno tenha conhecimento, por exemplo de que:

No Natal de 1919, o escritor Lima Barreto, depois de um acesso de delírio alcoólico, dava entrada, pela segunda vez, no Hospício Nacional de Alienados, no qual permaneceria até o dia 2 de fevereiro de 1920. Conduzido para o Hospício pelas mãos da polícia, "como um joão-ninguém sem eira nem beira" (BARBOSA, 2002, p.314), o autor, após passar pelo pavilhão de observações, foi internado na Seção Pinel, a enfermaria de indigentes. Alguns dias depois, Lima Barreto vai para a Seção Calmeil, o pavilhão de pensionistas. Sob o novo regime e com as perturbações tóxicas mais atenuadas, o escritor começa a registrar suas impressões sobre a vida naquela "sombria cidade de lunáticos" (BARRETO, 2004, p.46).

(Disponível em:

<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/FATIMA_ROCHA.pdf>

2. O site Youtube disponibiliza vários vídeos interessantes. Talvez seja uma possibilidade também, passar um vídeo sobre Lima Barreto. Dê uma olhada nesses dois:



Disponível em: <<https://youtu.be/LV9WGOsAoro>>

Grande sucesso exibido da TV Escola, a série Mestres da Literatura nos traz a cada programa informações sobre a vida e obra de grandes escritores brasileiros. Este episódio relata a breve, conturbada e brilhante vida do escritor Lima Barreto. Após o pai enlouquecer, abandonou os estudos para cuidar da família. Mulato, sofreu com o racismo. Mesmo assim, destacou-se com a publicação de Triste fim de Policarpo Quaresma. A importância dessa obra para a literatura brasileira. O forte sentimento nacionalista do escritor que se tornou jornalista do Correio da Manhã, jornal no qual denunciava as injustiças sociais.



Disponível em: <https://youtu.be/e2mZHmSo_c4>

Heróis de todo mundo é uma série de interprogramas que quer mostrar ao público comum que aqui mesmo, no Brasil, existem Heróis. Heróis porque quebraram barreiras, que venceram apesar dos enormes obstáculos enfrentados, que lutaram por uma vida melhor para todos. Ah! E são negros.

Fonte: <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/>>

Atividade de sensibilização



1. Escute a música *Balada do louco*, de Ney Matogrosso e reflita.

Balada do louco



Ney Matogrosso

Dizem que sou louco por pensar assim
Se eu sou muito louco por eu ser feliz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz

Se eles são bonitos, sou Alain Delon
Se eles são famosos, sou Napoleão
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor
Não ser o normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu

Se eles têm três carros, eu posso voar
Se eles rezam muito, eu já estou no céu
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor
Não ser o normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu

Sim sou muito louco, não vou me curar
Já não sou o único que encontrou a paz
Mais louco é quem me diz
E não é feliz
Eu sou feliz

Fonte: <<https://www.letras.mus.br/ney-matogrosso/47717/>>

2. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- Qual é a concepção de loucura apresentada na música? Você concorda? Por quê?
- Qual é a crítica presente na letra da canção?
- Você concorda o trecho da canção: “*Eu juro que é melhor não ser o normal*”? De acordo com a música, o que seria ser *normal*?
- Explique os seguintes versos da canção: “*Sim sou muito louco, não vou me curar/Já não sou o único que encontrou a paz.*”
- De acordo com a canção, o que é ser louco? Você conhece alguém que seja/pense assim?
- Você considera que os loucos sejam felizes, como diz a canção? Justifique.



Afonso Henriques de Lima Barreto foi um escritor e jornalista brasileiro que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos. Filho de pais pobres e mestiços sofreu preconceito por toda sua vida por conta de sua cor e condição social. Ficou órfão de mãe aos seis anos de idade. Estudou no Colégio Pedro II e ingressou na Escola Politécnica, no curso de Engenharia. Seu pai enlouqueceu e foi internado, obrigando Lima Barreto a abandonar o curso de Engenharia, para sustentar a família. Lima Barreto produziu uma literatura inteiramente desvinculada dos padrões e do gosto vigente, por isso foi alvo de críticas dos letrados tradicionais. Considerado um escritor em transição entre o Realismo e o Modernismo. Seu estilo era despojado e coloquial. Suas obras tratam das injustiças sociais e das dificuldades das primeiras décadas da República, apresentando, por vezes, forte presença memorialística. A maior parte de sua obra foi redescoberta e publicada em livro após sua morte.

Texto literário 1:

1ª parte – Anotações para o CEMITÉRIO DOS VIVOS

1920

4 de Janeiro

O Pavilhão e a Pinel

Lima Barreto

Estou no Hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia.

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria.

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há 6 anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.

Além dessa primeira vez que estive no hospício, fui atingido por crise idêntica, em Ouro Fino, e levado para a Santa Casa de lá, em 1916; em 1917, recolheram-me ao Hospital Central do Exército, pela mesma razão; agora, volto ao hospício.

Estou seguro que não voltarei a ele pela terceira vez; senão, saio dele para o São João Batista, que é próximo. Estou incomodando muito os outros, inclusive os meus parentes. Não é justo que tal continue. Quanto aos meus amigos, nenhum apareceu, senão o senhor Carlos Ventura e o sobrinho.

Este senhor Carlos Ventura é um velho homem, tem uma venda na Rua Piauí, em Todos os Santos, fornece para a nossa casa, e foi com auxílio dele que me conseguiram laçar e trazer-me até ao hospício. Acompanharam-me o Alípio e o Jorge.

Passei a noite de 25 no pavilhão, dormindo muito bem, pois a de 24 tinha passado em claro, errando pelos subúrbios, em pleno delírio.

Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Aduato. Tratou-me ele com indiferença, fez-me perguntas e deu a entender que, por ele, me punha na rua.

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.

Desta vez, não me fizeram baldear a varanda, nem outro serviço. Já tinha pago o tributo... Fui para o pátio, após o doutor Aduato; mas, bem depressa, fui chamado à varanda de novo. Sentei-me ao lado de um preto moço, tipo completo do espécimen mais humilde da nossa sociedade. Vestia umas calças que me ficavam pelas canelas, uma camisa cujas mangas me ficavam por dois terços do antebraço e calçava uns chinelos muito sujos, que tinha descoberto no porão da varanda.

Tinha que ser examinado pelo Henrique Roxo. Há quatro anos, nós nos conhecemos. É bem curioso esse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar o véu do mistério — que mistério! — que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. Não tenho por ele antipatia; mas nada me atrai a ele.

Perguntou-me por meu pai e eu lhe dei informações. Depois, disse-lhe que tinha sido posto ali por meu irmão, que tinha fé na onipotência da ciência e a credence do hospício. Creio que ele não gostou.

Acompanhava-o uma espécie de interno, que tinha uma cara bovina, apesar do *pince-nez*. Tanto lá, como aqui, no hospício, os internos evitam conversar com os doentes: *morgue* ou regulamento? No tempo de meu pai não era assim e, desde que eles descobrissem um doente em nossa casa, se aproximavam e conversavam.

Decididamente, a mocidade acadêmica, de que fiz parte, cada vez mais fica mais presunçosa e oca.

Julguei, apesar de tudo, que o Roxo me mandasse embora, tanto assim que, após o almoço-jantar, quando o tal bragança enfermeiro me chamou, pensei que fosse para ir-me embora. Não foi.

Lembro-me agora de um fato; o guarda-civil, que me esperou na porta do hospício, pois não veio comigo nenhum polícia, dirigindo-se a ele, tratou-o mais de uma vez de doutor; ele, porém, nunca protestou.

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até ao hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros,

cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social.

Vi lá o D... L..., um poeta alegre, companheiro do Tapajós, que conheci assim, assim e depois montou um colégio em Vila Isabel. Parece-me que ele prosperou, mas, vindo a equiparação e não tendo ele recursos para equipará-lo ao ginásio (depósito de cinquenta contos e quota de fiscalização), foi perdendo a freqüência, ele se desgostou, endividou-se e enlouqueceu. Cumprimentou-me, mas não quis falar comigo.

Esperei o médico. Era um doutor Airosa, creio eu ser esse o nome, interrogou-me, respondi-lhe com toda a verdade, e ele não me pareceu mau rapaz, mas sorriu enigmaticamente, ou, como dizendo: "você fica mesmo aí" ou querendo exprimir que os meus méritos literários nada valiam, naturalmente à vista das burrices do Aluísio. Fosse uma coisa, fosse outra, fossem ambas conjuntamente, não me agastei. Ele era muito moço; na sua idade, no caso dele, eu talvez pensasse da mesma forma.

O enfermeiro-mor ou inspetor era o Santana. Um mulato forte, simpático, olhos firmes, um pouco desconfiados, rosto oval, que foi muito bom para mim. Ele fora empregado na ilha, quando meu pai lá era almoxarife ou administrador, e se lembrava dele com amizade.

Deu-me uma cama, numa seção mais razoável, arranjou que eu comesse com os pensionistas de quarta classe e, no dia seguinte, fez-me dormir num quarto, com um estudante de medicina, Queirós, que um ataque tornara hemiplégico e meio aluado.

Tratou-me bem esse moço, conquanto não deixasse de ter, como eu já tive, essa presunção infantil do nosso estudante, que se julga, só por sê-lo, diferente dos outros. Dei-lhe a entender que já o havia sido; ele pareceu não acreditar.

Dormi a noite de 26 no dormitório geral e a de 27 no quarto do estudante. Vinte e oito foi domingo, recebi visitas do meu irmão e do senhor Ventura, ambos me trouxeram cigarros, e o senhor Ventura, passas e figos. Ainda desta vez, dormi no quarto, com o estudante.

Na Seção Pinel, que é a de que estou falando, reatei conhecimento com um rapaz português, que me conheceu quando era estudante e comia na pensão do Ferraz, isto deve ter sido há vinte anos ou mais. Durante os dias em que lá estive, ele, o José Pinto, me foi de um préstimo inesquecível. Relembrava ao porteiro a ordem que eu tinha do Santana de ir tomar refeições no refeitório especial, arranjava-me jornais (Santana também), cigarros (contarei essa tragédia manicomial em separado) e, na tarde de domingo, levou-me a passear pela chácara do hospício. É muito grande e, apesar de estiolada e maltratada, a sua arborização devia ter sido maravilhosa. Os ricos de hoje não gostam de árvores...

O hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... Lá entra por ela adentro uma falua, com velas enfunadas e sem violentar; e na rua embaixo passam moças em traje de banho, com as suas bacias a desenharem-se nítidas no calção, até agora inúteis.

Na segunda-feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou, fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe que na Seção Calmeil. Deu ordens ao Santana e, em breve, lá estava eu.

Paro aqui, pois me canso; mas não posso deixar de consignar a singular mania que têm os doidos, principalmente os de baixa extração, de andarem nus. Na Pinel, dez por cento assim viviam, num pátio que era uma *bolgia* do inferno. Por que será?

(Texto extraído de:
BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Planeta; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.)



Sugestão de tema: Escolha uma das temáticas a seguir *Como eu gostaria de ser* ou *Como os outros me veem* ou *Meu passado me condena* e escreva, um texto narrativo - argumentativo, justificando seu pensamento a respeito do assunto. Sua redação deve ter no mínimo 15 linhas e no máximo 30 linhas.

A large, hand-drawn scroll with a wavy, irregular border. The scroll is unrolled and contains 30 horizontal lines for writing. The scroll is drawn with a thick black outline and has a small, folded corner at the top left and bottom left.



Uma construção de identidade:

refletindo sobre o eu profundo e outros eus por meio de texto de Lima Barreto

1. Exponha as diversas faces de si mesmo.
2. Em um pedaço de papel, cole fotos, recortes e/ou imagens representando por legendas como você é, como você se vê e como os outros o veem.
3. Apresente seu cartaz para turma e, em seguida, exponha na sala ou no mural do colégio.
4. Seja bem criativo (a)!
5. Veja alguns exemplos abaixo.



QUANDO digo que SOU apenas Mãe



ROTEIRO PEDAGÓGICO 7

Lembranças de outrora em varal de memórias: Cecília Meireles, o passar do tempo e a efemeridade da vida



Objetivos:

- Introduzir a temática a partir de música que faça refletir sobre o passar do tempo e a fugacidade da vida.
- Resgatar memórias através da leitura literária promovendo comparações entre o texto lido e episódios da própria vida do aluno.
- Trabalhar a leitura, a expressão oral e a escrita.
- Abordar noções acerca da polissemia e de linguagem metafórica.
- Participar em oficina artístico-literária *Varal de memórias*, com a construção de um varal, em área social do colégio, contendo retratos do passado, por meio de fotos, imagens, objetos pendurados, cartas, produções escritas.

Recursos necessários:

- Texto xerocopiado.
- Corda para varal.
- Pregadores.
- Lápis e borracha.
- Canetinhas coloridas, tesoura e cola.
- Fotos, imagens, objetos pessoais, cartas, produções escritas.

Duração prevista:

5 (cinco) tempos de aula.

Desenvolvimento:

Metodologia do Círculo de leitura

1.PREPARAÇÃO

Atividade de sensibilização: música *Paciência*, de Lenine.

1.1. Mini aula

1.1.1. Quem foi Cecília Benevides de Carvalho Meireles.

1.1.2. Cecília em verso & Cecília em prosa.

1.1.3. Noções acerca de polissemia e linguagem metafórica.

1.2 Seleção de texto de escritor canônico

1.2.1. Crônica *Primavera*.

1.3. A disposição dos leitores

1.3.1. Considerar os resultados obtidos através da aplicação do questionário e conhecer as expectativas da turma.

1.4. A sistematização das atividades

1.4.1. Cronograma.

1.4.1. Disposição das carteiras em círculo na sala de aula.

2.EXECUÇÃO

2.1. O ato de ler

2.1. Texto 1: *Primavera*.

2.2. O compartilhamento

2.2.1. Pré-discussão.

*Explorar o lirismo presente no texto.

2.2.2. Discussão propriamente dita

2.2.2.1. Criar relações entre o texto lido e a mensagem presente na música *Paciência*, de Lenine. Indagar sobre as coisas passageiras da vida dos alunos, mas que deixaram marcas profundas.

Trabalhar a multiplicidade de sentido atribuído à palavra “primavera” e destacar o tipo de linguagem utilizado no texto.

2.2.2.1.2. Momento propício ao diálogo entre o lido e o vivido.

Possíveis discussões: 1- Se você fosse uma estação do ano, qual seria? Por que?/ 2- Os aspectos naturais e humanos da primavera./ 3- O inevitável passar do tempo e o que ficou para trás/ 4- A fugacidade da vida e a efemeridade das coisas./ 5- Momentos de transição na vida/ 6- Passado invernal X Passado primaveril.

2.3. O registro

2.3.1. Observações, reflexões e impressões no próprio caderno.

* Falar das principais características de Cecília Meireles. A poesia na prosa.

3.ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

3.1. Resgate de memórias.

3.1.1. Produção oral.

3.1.2. Produção escrita sobre *Meu passado foi (primaveril, solar, outonal ou invernal)* ou *Tudo o que é bom dura pouco?*

3.1.3. OFICINA ARTÍSTICO-LITERÁRIA *Lembranças de outrora em varal de memórias: Cecília Meireles, o passar do tempo e a efemeridade da vida*

3.1.3.1. Construir um varal no colégio, no mural, pátio, quadra ou entrada do colégio, em área social, contendo retratos do passado, ou seja, fotos, imagens, objetos pendurados, cartas, produções escritas com histórias de vida.

No local escolhido para a exposição, pode ser criado também uma espécie de *lounge* com tapetes e almofadas para que, nos intervalos ou em momentos livres, os alunos possam conversar, contar o porquê da seleção de determinada foto, escrita ou objeto e até mesmo para cantarem juntos acompanhados de um violão, por exemplo.

4.AVALIAÇÃO

4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação.

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.



- Convém sempre disponibilizar dicionários para o caso de os alunos sentirem a necessidade de consultar o significado de alguma(s) palavra(s).
- É interessante explorar as características da linguagem, o lirismo, a poesia implícita na prosa e a temática metaforizada. Incentive o aluno a perceber as nuances do texto, peça exemplos de frases que simbolizem a passagem do tempo e a natureza utilizada para refletir anseios humanos.
- Quanto à produção escrita, pode ser uma boa a opção de os alunos poderem escolher a elaboração de um poema sobre a temática selecionada, ou até mesmo, a possibilidade de uma prosa com linguagem poética, tal como foi lido no texto de Cecília Meireles.

OBSERVAÇÃO: Se a ideia de uma espécie de *lounge* com voz e violão, por exemplo, for viável, é válido organizar o varal de memórias em um local apropriado para que demais alunos do colégio também possam participar. Talvez o pátio da escola seja uma boa. Lembre-se de tornar o local aconchegante.



1. Considerando a curta extensão do texto *Primavera*, é uma possibilidade musicá-lo. Que tal estimular os alunos ou um grupo com desenvoltura musical a fazer isso? Até mesmo uma leitura com fundo musical pode ser uma boa ideia. O importante é destacar a sutileza da linguagem e a

sonoridade por meio da leitura.

2. Incentivar a pesquisa por outras obras textuais (verbais e não-verbais) e musicais que se intitulam também *Primavera* pode ser um ótimo exercício de interpretação e de reflexão diante dos diversos significados que uma palavra pode conotar.

Atividade de sensibilização



1. Escute a música *Paciência*, de Lenine e reflita.

Paciência



Lenine

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para

Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência

O mundo vai girando
Cada vez mais veloz

A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de
paciência

Será que é tempo
Que lhe falta pra
perceber?
Será que temos esse
tempo
Pra perder?
E quem quer saber?

A vida é tão rara
Tão rara

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não para

A vida não para não

Será que é tempo
Que lhe falta pra
perceber?
Será que temos esse
tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Eu sei, a vida é tão rara
A vida não para não

A vida é tão rara

Fonte: <<https://www.lettras.mus.br/lenine/47001/>>

2. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- Você se considera uma pessoa paciente? Justifique?
- Qual é a sua relação com o passar do tempo? Você acha que o tempo de que dispõe é suficiente?
- Quantas coisas você já deixou de fazer por falta de tempo? Dê exemplos. De qual você mais se arrepende?
- O que você entende dos seguintes fragmentos:
 1. “*Enquanto o tempo acelere e pede pressa. Eu me recuso, faço hora vou na valsa. A vida é tão rara.*”
 2. “*O mundo vai girando cada vez mais veloz. A gente espera do mundo e o mundo espera de nós um pouco mais de paciência. Será que é tempo que lhe falta pra perceber? (...)*”



Cecília Benevides de Carvalho Meireles foi jornalista, pintora, escritora e professora brasileira. Sua formação como professora e seu interesse pela educação levou-a a fundar a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro. Destaca-se a poesia em suas obras, mesmo quando o texto não é em formato de poema, a linguagem é poética. Cecília Meireles começou a escrever os primeiros poemas por volta dos nove anos de idade e com dezoito anos, publicou seu primeiro livro. As principais características de suas obras são sensibilidade, introspecção, consciência da transitoriedade das coisas. Através de suas próprias experiências de vida, a escritora questionava e tentava entender o mundo em que vivia, isso acabava refletindo em sua escrita.

Texto literário 1:

Primavera

Cecília Meireles

A primavera chegará, mesmo que ninguém mais saiba seu nome, nem acredite no calendário, nem possua jardim para recebê-la. A inclinação do sol vai marcando outras sombras; e os habitantes da mata, essas criaturas naturais que ainda circulam pelo ar e pelo chão, começam a preparar sua vida para a primavera que chega.

Finos clarins que não ouvimos devem soar por dentro da terra, nesse mundo confidencial das raízes, – e arautos sutis acordarão as cores e os perfumes e a alegria de nascer, no espírito das flores.

Há bosques de rododendros que eram verdes e já estão todos cor-de-rosa, como os palácios de Jeipur. Vozes novas de passarinhos começam a ensaiar as árias tradicionais de sua nação. Pequenas borboletas brancas e amarelas apressam-se pelos ares, – e certamente conversam: mas tão baixinho que não se entende.

Oh! Primaveras distantes, depois do branco e deserto inverno, quando as amendoeiras inauguram suas flores, alegremente, e todos os olhos procuram pelo céu o primeiro raio de sol.

Esta é uma primavera diferente, com as matas intactas, as árvores cobertas de folhas, – e só os poetas, entre os humanos, sabem que uma Deusa chega, coroada de flores, com vestidos bordados de flores, com os braços carregados de flores, e vem dançar neste mundo cálido, de incessante luz.

Mas é certo que a primavera chega. É certo que a vida não se esquece, e a terra maternalmente se enfeita para as festas da sua perpetuação.

Algum dia, talvez, nada mais vai ser assim. Algum dia, talvez, os homens terão a primavera que desejarem, no momento que quiserem, independentes deste ritmo, desta ordem, deste movimento do céu. E os pássaros serão outros, com outros cantos e outros hábitos, — e os ouvidos que por acaso os ouvirem não terão nada mais com tudo aquilo que, outrora se entendeu e amou.

Enquanto há primavera, esta primavera natural, prestemos atenção ao sussurro dos passarinhos novos, que dão beijinhos para o ar azul. Escutemos estas vozes que andam nas árvores, caminhemos por estas estradas que ainda conservam seus sentimentos antigos: lentamente estão sendo tecidos os manacás roxos e brancos; e a eufórbia se vai tornando pulquérrima, em cada coroa vermelha que desdobra. Os casulos brancos das gardêneas ainda estão sendo enrolados em redor do perfume. E flores agrestes acordam com suas roupas de chita multicolor.

Tudo isto para brilhar um instante, apenas, para ser lançado ao vento, — por fidelidade à obscura semente, ao que vem, na rotação da eternidade. Saudemos a primavera, dona da vida — e efêmera.

(Crônica extraída de:
MEIRELES, Cecília. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.)



Sugestão de temas: Escreva, entre 15 e 30 linhas, sobre uma dessas duas temáticas: *Meu passado foi (primaveril, solar, outonal ou invernal)* ou *Tudo o que é bom dura pouco?* Você pode associar seu passado a uma das estações do ano ou escrever sobre a efemeridade das coisas e a fugacidade da vida. Para tratar desses temas, você tem a opção de escrever um poema ou um texto em prosa com linguagem poética, como visto na crônica de Cecília Meireles.

A large, hand-drawn scroll with horizontal lines for writing, intended for the student's response. The scroll is unrolled and has a decorative, slightly wavy border. It is positioned centrally on the page, below the text instructions.



Lembranças de outrora em varal de memórias:

Cecília Meireles, o passar do tempo e a efemeridade da vida

1. Traga para o colégio algo que represente suas memórias, o que você faz questão de lembrar para o resto de sua vida, podem ser fotos, imagens, objetos pessoais, suas produções escritas... Enfim, recordações e histórias de vida.
2. Providencie junto à turma um varal e alguns pregadores.
3. Monte o varal e exponha suas recordações importantes e lembranças de momentos inesquecíveis junto com as de seus colegas.
4. Lembre-se de escolher um local apropriado na escola para que outros colegas também tenham acesso e possam conhecer um pouco mais da história de vida de vocês.
5. Deixe um espaço no varal para que demais alunos da escola também possam participar, caso queiram. Vocês podem expor fotos suas com os colegas do colégio em apresentações de trabalhos e festas, por exemplo. Deixe registrado um tempo que valeu a pena.
6. Que tal incrementar o espaço onde ficará o varal? Coloque alguns tapetes, lençóis, cangas, almofadas... o que tiver para sentar-se ao chão e partilhar alguns momentos com os amigos, apresentando sua participação no varal, ou simplesmente para conversar e conhecer um pouco mais seu colega. Aproveite os intervalos e o tempo livre para socializar. Lembre-se de que “*A vida é tão rara.*” Se souber cantar e tocar, melhor ainda! Traga seu violão ou qualquer instrumento musical e ajude a criar um ambiente descontraído e aconchegante.

ROTEIRO PEDAGÓGICO 8

Retrospectiva: a casa da infância através da leitura de Vinicius de Moraes



Objetivos:

- Estimular a temática a ser trabalhada a partir imagens que tratem de saudade, infância, a casa onde cresceu, episódios passados relevantes à vida do aluno.
- Resgatar memórias pessoais e do lugar onde se viveu na infância com a família, através da leitura literária.
- Trabalhar a leitura, a expressão oral e a escrita.
- Abordar as principais características das obras de Vinicius de Moraes.
- Participar em oficina artístico-literária *Retrospectiva* que permite o revisitar dos principais momentos marcantes da infância por meio de uma festa com elementos, músicas e lembranças de um tempo que já passou, a partir da temática trabalhada no texto de Vinicius de Moraes.

Recursos necessários:

- Texto xerocopiado.
- Aparelho de som e Músicas.
- Cartazes e fotos.
- Objetos decorativos que remetam recordações dos alunos.
- Artigos de ornamentação de festas (dos anos 60, 70, 80, 90...)
- Comes e bebes.

Duração prevista:

4 (quatro) tempos de aula.

Desenvolvimento:

Metodologia do Círculo de leitura

1. PREPARAÇÃO

Atividade de sensibilização: interpretação e reflexão acerca da temática a ser explorada, a partir de imagens, estimulando recordações da morada da infância (e juventude).

1.1. Miniaula

- 1.1.1. Quem foi Vinicius de Moraes.
- 1.1.2. Principais características
- 1.1.3. Influência da poesia em suas obras.

1.2. Seleção de texto de escritor canônico

- 1.2.1. Crônica *A casa materna*.

1.3. A disposição dos leitores

- 1.3.1. Considerar os resultados obtidos através da aplicação do questionário e conhecer as expectativas da turma.

1.4. A sistematização das atividades

- 1.4.1. Cronograma.
- 1.4.1. Disposição das carteiras em círculo na sala de aula.

2. EXECUÇÃO

2.1. O ato de ler

- 2.1. Texto 1: *A casa materna*.

2.2. O compartilhamento

- 2.2.1. Pré-discussão.
*Explorar as características da linguagem e o tom de saudosismo.

2.2.2. Discussão propriamente dita

- 2.2.2.1. Resgatar a memória fotográfica dos alunos solicitando para que relatem, com detalhes, as características da casa onde moraram na infância. Promover associação com o texto lido, destacando a linguagem descritiva.

- 2.2.2.1.2. Momento propício ao diálogo entre o lido e o vivido.

Possíveis discussões: 1- Casa X Lar/ 2- Ressignificação de lugares/ 3- Retorno à morada da infância (e juventude)/ 4- Objetos e roupas de antigamente/ 5- A importância da família/ 6- Tempo de brincadeiras e festas X Tempo de responsabilidades/ 7- Representações da figura materna/ 8- Saudade.

2.3. O registro

- 2.3.1. Observações, reflexões e impressões no próprio caderno.
*Abordar características principais de uma crônica.

3. ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO ESPECIAL

3.1. Resgate de memórias.

- 3.1.1. Produção oral.
- 3.1.2. Produção escrita sobre *Retrospectiva pessoal/ escolar/ do ano de 20??* ou *A casa da minha infância*.

3.1.3. OFICINA ARTÍSTICO-LITERÁRIA *Retrospectiva: a casa da infância através da leitura de Vinicius de Moraes*

3.1.3.1. A partir da temática trabalhada no texto, promover uma festa que garanta o revisitar dos momentos mais marcantes da infância (e juventude) através de ornamentação com elementos, objetos, lembranças, cartazes e fotos de um tempo que já passou.

Elaborar cartazes contendo *Retrospectiva pessoal*, anual ou semestral e cartazes com fragmentos do texto lido para espalhar pela sala.

Recriar ambientes do passado na sala de aula e promover um ambiente de descontração, lembranças e coletividades.

4. AVALIAÇÃO

- 4.1. Combinadas de avaliação e autoavaliação.

Fonte: Estrutura metodológica dos Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b) – adaptada para a temática concernente a esta pesquisa.



- É importante comunicar à equipe diretiva do colégio a respeito da liberação do uso do uniforme e também sobre a realização da festa, por questões organizacionais de tempo e espaço e para que não atrapalhe outras aulas, com música, por exemplo.
- Separe uma aula do planejamento para disponibilizar para a turma ornamentar a sala e se preparar para a festa.
- Aproveite o ambiente de descontração da festa e sugira uma roda de conversa, em que os alunos possam contar suas experiências, suas lembranças da infância e até de alguns casos de dificuldade que, por ventura, passaram nesse tempo. Estimule os alunos a justificarem o motivo da escolha de determinado objeto, roupa, música ou fragmento do texto de Vinicius de Moraes.
- Com relação aos comes e bebes, faça uma lista junto aos alunos, a fim de estabelecer o que cada um pode contribuir para o lanche. Caso as condições financeiras e de disponibilidade de tempo de sua turma permita, é possível fazer um sorteio com os pratos e bebidas escolhidos.
- Especialidades e receitas de família, passadas de geração ou até mesmo doces da infância podem ajudar a criar um ambiente que remeta a outros tipos de memórias: as sensoriais, como a memórias olfativas e do paladar.

OBSERVAÇÃO: Oriente os alunos a respeito do bom senso na escolha das roupas para caracterização e da proibição de bebidas alcoólicas no ambiente escolar. Deixe claro que é uma festa, mas que existem regras a serem cumpridas.



1. Lembre-se de registrar por meio de fotos esse momento com a turma e depois expor no mural para se tornar uma lembrança, uma boa recordação para os alunos.

2. Caso disponibilize de tempo no planejamento, uma sugestão é passar para os alunos o filme *O doador de memórias*, de Phillip Noyce. Esse filme pode figurar como uma culminância da oficina proposta, uma vez que trata da importância de assuntos do passado para perspectivas futuras, o poder e o perigo de certas memórias, sociedades do esquecimento e também da noção de retorno à morada da infância e ao seio familiar.



Na história, Jonas (Brenton Thwaites) vive em uma sociedade distópica onde os indivíduos não têm emoções, respondendo roboticamente aos comandos de um poderoso governo. As pessoas atuam na profissão escolhida pelos anciões, não fazem sexo (os bebês são criados artificialmente) e moram num mundo literalmente em preto e branco. Acima de tudo, os habitantes não têm memórias, de modo que apenas uma pessoa na comunidade é encarregada de guardar todas as lembranças do passado. Jonas é escolhido para a tarefa, embora possua um espírito rebelde e contrário ao sistema (...) o guardião de memórias experiente, mas igualmente subversivo (Jeff Bridges) nunca tinha pensado em divulgar as informações que possui.

(Fonte: < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-195540/criticas-adorocinema/>>)

3. O filme *O doador de memórias* encontra-se disponível em: <https://youtu.be/TK32fXeG_J0>

ARTEVIDADE LITERÁRIA 8:

Atividade de sensibilização



3. Observe as imagens abaixo:

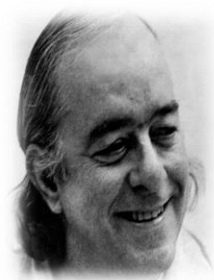


Fonte: Google imagens

4. Para discussão em sala de aula:

Perguntas norteadoras

- Qual das imagens acima representa melhor a sua infância (ou juventude)? Por quê?
- Você guarda boas ou más lembranças do lugar onde você cresceu? Justifique?
- A casa em que você morou (ou que mora até hoje) era um ambiente agradável?
- Qual cômodo de sua casa é o seu preferido? Por quê?
- Qual é a melhor recordação do passado que você guarda de sua mãe ou de qualquer outro familiar?
- Quando mais novo(a), você frequentava muitas festas/bailes ou era mais caseiro(a)?



Vinicius de Moraes foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta, cantor e compositor brasileiro. Sua obra é bem vasta: literatura, teatro, cinema e música. Entretanto, destacou-se na poesia, que segundo ele, era sua primeira e maior vocação, sendo as demais atividades artísticas derivadas de ser poeta. Fez parceria musical com diversos nomes importantes da música, em especial com Toquinho (Antonio Pecci Filho) e é considerado um dos fundadores do movimento Bossa Nova. Seu principal tema sempre foi o amor, mas a partir dos anos 1940 e 1950, inclinou-se a uma temática mais comprometida com o cotidiano e grandes dramas sociais de nosso tempo.

Texto literário 1:

A Casa Materna

Vinicius de Moraes

Há, desde a entrada, um sentimento de tempo na casa materna. As grades do portão têm uma velha ferrugem e o trinco se oculta num lugar que só a mão filial conhece. O jardim pequeno parece mais verde e úmido que os demais, com suas palmas, tinhorões e samambaias que a mão filial, fiel a um gesto de infância, desfolha ao longo da haste.

É sempre quieta a casa materna, mesmo aos domingos, quando as mãos filiais se pousam sobre a mesa farta do almoço, repetindo uma antiga imagem. Há um tradicional silêncio em suas salas e um dorido repouso em suas poltronas. O assoalho encerado, sobre o qual ainda escorrega o fantasma da cachorrinha preta, guarda as mesmas manchas e o mesmo taco solto de outras primaveras. As coisas vivem como em prece, nos mesmos lugares onde as situaram as mãos maternas quando eram moças e lisas. Rostos irmãos se olham dos porta-retratos, a se amarem e compreenderem mudamente. O piano fechado, com uma longa tira de flanela sobre as teclas, repete ainda passadas valsas, de quando as mãos maternas careciam sonhar.

A casa materna é o espelho de outras, em pequenas coisas que o olhar filial admirava ao tempo em que tudo era belo: o licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô. E tem um corredor à escuta, de cujo teto à noite pende uma luz morta, com negras aberturas para quartos cheios de sombra. Na estante junto à escada há um Tesouro da juventude com o dorso puído de tato e de tempo. Foi ali que o olhar filial primeiro viu a forma gráfica de algo que passaria a ser para ele a forma suprema da beleza: o verso.

Na escada há o degrau que estala e anuncia aos ouvidos maternos a presença dos passos filiais. Pois a casa materna se divide em dois mundos: o térreo, onde se processa a vida presente, e o de cima, onde vive a memória. Embaixo há sempre coisas fabulosas na geladeira e no armário da copa: roquefort amassado, ovos frescos, mangas-espadas, untuosas compotas, bolos de chocolate, biscoitos de araruta - pois não há lugar mais propício do que a casa materna para uma boa ceia noturna. E porque é uma casa velha, há sempre uma barata que aparece e é morta com uma repugnância que vem de longe. Em cima ficam os guardados antigos, os livros que lembram a infância, o pequeno oratório em frente ao qual ninguém, a não ser a figura materna sabe por que, queima às vezes uma vela votiva. E a cama onde a figura paterna repousava de sua agitação diurna. Hoje vazia.

A imagem paterna persiste no interior da casa materna. Seu violão dorme encostado junto à vitrola. Seu corpo como que se marca ainda na velha poltrona da sala e como que se pode ouvir ainda o brando ronco de sua sesta dominical. Ausente para sempre da casa materna, a figura paterna parece mergulhá-la docemente na eternidade, enquanto as mãos maternas se fazem mais lentas e as mãos filiais mais unidas em torno à grande mesa, onde já agora vibram também vozes infantis.

(Crônica extraída de:

MORAES, Vinicius de. *O Melhor de Vinicius de Moraes*. São Paulo: editora Folha, 1994)



Sugestão de temas: Escreva um texto, com no mínimo 15 linhas e no máximo 30 linhas, fazendo uma *Retrospectiva* seja pessoal (narrando acontecimentos importantes na sua vida em determinado tempo), seja escolar (narrando os principais momentos de sua trajetória escolar), ou seja dos melhores e/ou piores momentos/acontecimentos do ano em que você se encontra. Outra sugestão de tema pode ser: *A casa da minha infância*, relatando memórias da casa em que viveu e dando novos sentidos ao lugar em que cresceu, por meio de uma escrita descritiva.

A large, hand-drawn scroll with horizontal lines for writing, intended for the student's response. The scroll is unrolled and has a decorative, slightly wavy border. It contains 30 horizontal lines for writing.



Retrospectiva:

a casa da infância através da leitura de Vinicius de Moraes

1. Que tal organizarmos uma festa ornamentada com objetos decorativos que remetam suas recordações? Vamos transformar a sala de aula, vamos presentificar um pouco o passado!
2. Traga para o colégio objetos, fotos, adereços novos e antigos, mas que retratem uma época que já passou e que você gostaria de recordar.
3. Vamos revisitar principais momentos marcantes da infância e juventude por meio dessa festa com elementos, músicas e lembranças de um tempo que já passou. Portanto, separe algumas músicas para tocarem durante a festa, pode ser dos anos 60, 70, 80, 90...
4. Elabore cartazes sobre: Retrospectiva do ano em que se encontra até o dia de hoje, Retrospectiva do semestre, Retrospectiva da sua vida pessoal ou estudantil. Destaque datas e acontecimentos relevantes.
5. A caracterização pode ser uma boa. Escolha o estilo de roupa de acordo com a época que queira recordar.
6. Comemorações e festas são sempre bem-vindas. Vamos organizar uma mesa com guloseimas? Pode ser um bolo da vovó, receita de gerações, especialidade da sua mãe...
7. Enfeite a sala com alguns fragmentos do texto lido, de Vinicius de Moraes.

UMA SEÇÃO



MODELO DE AUTOAVALIAÇÃO

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

1- Marque a expressão que melhor define seu aproveitamento nas aulas/atividades:

a) Participação nos Círculos de leitura literária



b) Debates em sala de aula



c) Produção textual



d) Participação nas Oficinas artístico-literárias



e) Relacionamento com os colegas da turma



f) Associação entre o lido e o vivido



1º ENCONTRO:

- + O que vocês esperam desses encontros?
- + Vocês estão percebendo alguma diferença nas aulas de Língua Portuguesa? Se sim, qual ou quais? Estão gostando?
- + A estratégia dos círculos de leitura facilitou ou prejudicou o entendimento das obras? E a seleção dos textos, o que vocês estão achando? Alguma sugestão?
- + Qual é o seu pensamento a respeito das obras consideradas canônicas? Qual é a sua opinião sobre a leitura de textos canônicos em sala de aula?
- + Qual é o seu posicionamento sobre trabalhar com suas histórias de vida em sala de aula? Justifique.
- + Vocês acreditam que associar suas experiências de vida às histórias lidas nos círculos de leitura interfere positivamente ou negativamente no entendimento tanto da obra quanto de vocês mesmos e de seus colegas? Por quê?

Observações gerais:

1. Observar e analisar os seguintes aspectos: o comportamento dos alunos no decorrer da entrevista, o grau de entrosamento e participação nos debates, as temáticas que mais atingiram e provocaram os alunos.
2. Considerar as contribuições de melhorias e sugestões tanto para as aulas quanto para os próximos encontros.
3. Sabendo-se da natureza da entrevista em seu caráter subjetivo e variacional de acordo com as respostas e com o contexto situacional, as perguntas poderão sofrer alterações, adaptações e supressões conforme as necessidades no momento da interação.

2º ENCONTRO:

- ✚ A temática das memórias trabalhada nas leituras de obras do cânone literário está sendo significativa para vocês? Justifique.
- ✚ Quais os benefícios e/ou malefícios em associar suas histórias de vida às histórias dos livros?
- ✚ As oficinas artístico-literárias estão interferindo no seu aprendizado? De que maneira?
- ✚ Qual ou quais oficinas vocês mais gostaram de participar? Por quê? E qual vocês menos gostaram ou não gostaram? Por quê?
- ✚ Na sua opinião, as oficinas poderiam desenvolver outras ações, diversas da que vem desenvolvendo atualmente, para melhorar o processo de ensino-aprendizagem? Se não, por quê? Se sim, o que seria e como seria?
- ✚ Faça uma breve avaliação dos círculos de leitura e das oficinas desenvolvidas. Críticas positivas e negativas são sempre bem vindas.

Observações gerais:

1. Analisar se as atividades propostas estão sendo motivadoras e eficazes, através da observação do entusiasmo ou não dos alunos ao se posicionarem sobre o assunto ante as perguntas.
2. Sabendo-se da natureza da entrevista em seu caráter subjetivo e variacional de acordo com as respostas e com o contexto situacional, as perguntas poderão sofrer alterações, adaptações e supressões conforme as necessidades no momento da interação.

3º ENCONTRO:

- + Você percebeu alguma diferença quanto a você mesmo e sua turma, quanto ao seu relacionamento com os demais colegas e com a professora, e com relação às aulas de Língua Portuguesa? Em caso afirmativo, diga qual ou quais?
- + Os novos conteúdos aprendidos apresentaram relação com seu contexto e com sua experiência? Você considera ter sido uma aprendizagem significativa?
- + Você se sentiu valorizado no decorrer das atividades propostas? Justifique.
- + Você percebeu alguma mudança nos seus hábitos e gostos de leitura? Qual/Quais?
- + Você continua com o mesmo posicionamento do primeiro encontro com relação aos textos canônicos? Explique.
- + Faça um breve depoimento a respeito de sua experiência nos círculos de leitura e nas oficinas artístico-literárias?

Observações gerais:

1. Observar se houve mudança de posicionamento e de atitude por parte dos alunos; estimular a interação e a exposição de ideias, questionamentos e autoanálises.
2. Coletar informações sobre os avanços quanto à proficiência leitora do texto literário e sobre o fortalecimento da autoestima e da identidade.
3. Provocar o conflito cognitivo, a fim de que os discentes estabeleçam conexões entre os novos conhecimentos e os conhecimentos prévios.
4. Sabendo-se da natureza da entrevista em seu caráter subjetivo e variacional de acordo com as respostas e com o contexto situacional, as perguntas poderão sofrer alterações, adaptações e supressões conforme as necessidades no momento da interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMPARO, Flávia V. da Silva do. “Por que ler e como ler: eis a questão”. *Interletras* (Dourados), v. 3, p. 1-14, 2013. Disponível em: <www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n17/conteudo/.../24.docx> Acesso em 13 dez. 2016.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. São Paulo: Via leitura, 2016.
- BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Planeta; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- CANDAU, Vera Maria et al. *Oficinas pedagógicas de direitos humanos*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014a.
- _____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014b.
- FERREIRA, Marieta Morais. *História do tempo presente: desafios*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Cultura Vozes, 94).
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 103.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- _____. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- MC DONALD, Lee M. *The Formation of the Christian Biblical Canon*. 2. ed. Peabody, MA: Hendrickson, 1996.
- MEIRELES, Cecília. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- MORAES, Vinicius de. *O Melhor de Vinicius de Moraes*. São Paulo: editora Folha, 1994.
- MOYSÉS, Lucia. *A autoestima se constrói passo a passo*. São Paulo: Papyrus, 2007.
- VALE, Maria José. Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico / Maria José Vale, Sonia Maria Gonçalves Jorge, Sandra Benedetti. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- ZAPPONE, M.H.Y. “Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas”. *Teoria e Prática da Educação*, v. 03, 2007, pp. 47-62.